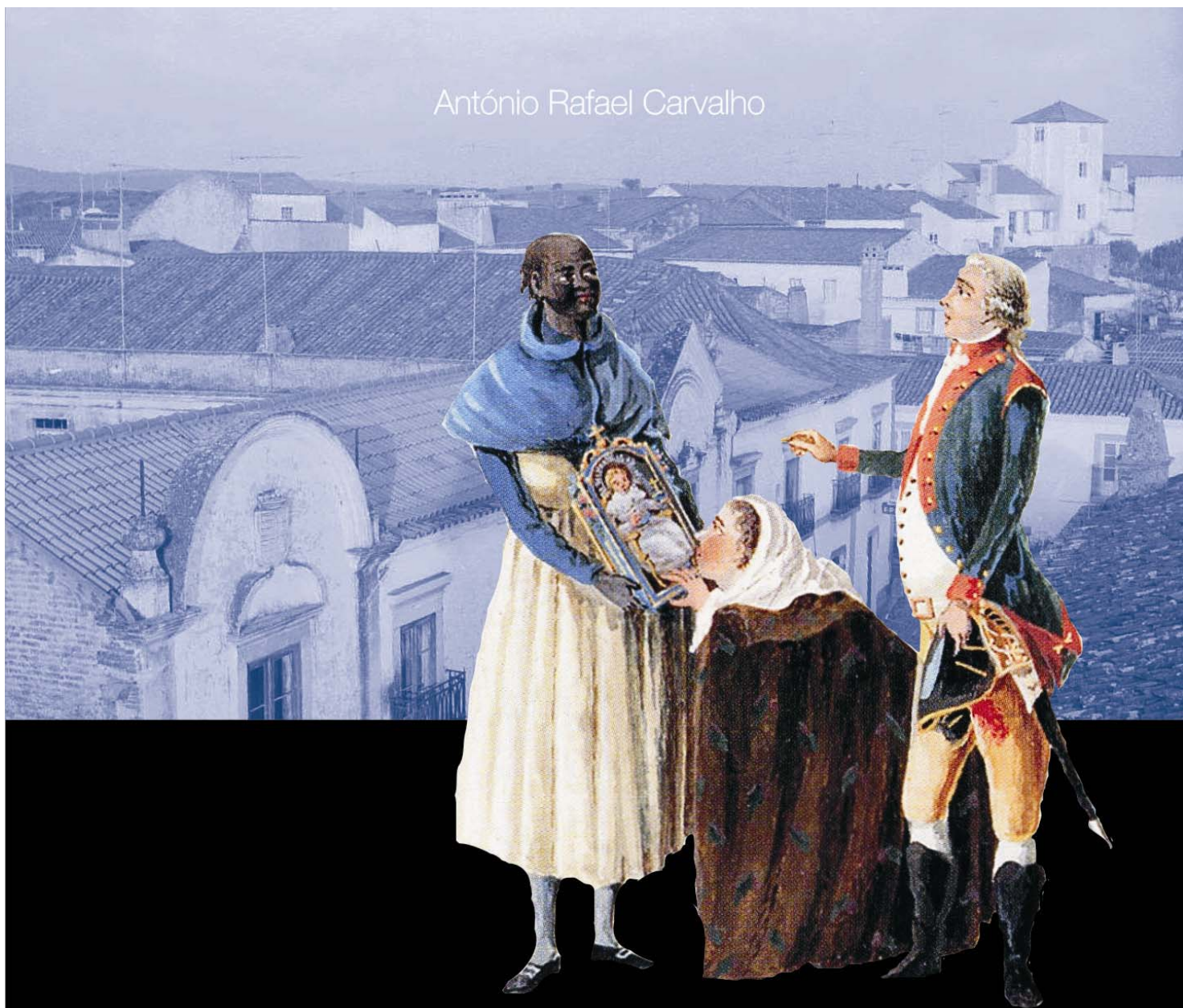


António Rafael Carvalho



# Torrão do Alentejo

arqueologia, história e património

Junta de Freguesia do Torrão  
Câmara Municipal de Alcácer do Sal

---

# **Torrão do Alentejo:** *Arqueologia, História e Património*

***António Rafael Carvalho***

Edição Conjunta (on-Line)

Junta de Freguesia do Torrão



Câmara Municipal de Alcácer do Sal



Alcácer do Sal, 2009

---

FICHA TÉCNICA

**Torrão do Alentejo:**  
***Arqueologia, História e Património***

**Volume 1**

**Edição Conjunta (on-Line)**  
Junta de Freguesia do Torrão  
Câmara Municipal de Alcácer do Sal

Edição, 2009.

**Autor**  
António Rafael Carvalho

**Memórias Paroquiais de 1758, referentes ao Município de Alcácer do Sal**  
**Transcrição de:**  
Carla Macedo

**Composição**  
António Rafael Carvalho

**Fotos**  
António Rafael Carvalho  
Mário Perna

**Fotos Antigas do Torrão**  
IGESPAR (Arquivo da ex- DGEMN)

**Design da Capa**  
Célia Alexandre

**Cartografia**  
Elaborada sobre bases digitais fornecidas por:  
João Pires (CMAS)  
Google Earth 2009  
Earth Explorer 5.0, da Motherplanet.com  
<http://www.maps-for-free.com/> sobre base do Google Maps 2009

**Desenhos**  
António Rafael Carvalho

(O livro teve que ser dividido em vários volumes, de forma a poder ser inserido em formato digital no site do Município de Alcácer do Sal)

## Índice:

Introdução.....	5
-----------------	---

### Capítulo 1.

#### Um Território e dois Rios: *O Xarrama e o Sado*

1. Enquadramento geográfico.....	8
2. O Impacto do rio Xarrama na Vila do Torrão.....	15
2.1. Enquadramento Geral.....	15
2.2. A Origem do Topónimo " <i>Exarramam</i> ".....	16
2.3. Memórias do Xarrama ao longo dos séculos.....	16
3. O Rio Sado.....	22
3.1. Memórias do " <i>Sado/Sadão/Sadam</i> ", entre Rio de Moinhos e Porto Rei.....	22

### Capítulo 2.

#### O Povoamento do Território - Das Origens até à Conquista Romana: *Uma Introdução Diacrónica*

1. Introdução.....	31
2. O Território em contexto Pré-Romano.....	32
2.1. Nota Preliminar.....	32
2.2. O Vale do Sado entre o VI Milénio e o V Milénio antes de Cristo.....	32
2.2.1. Identificação dos Concheiros do Sado: <i>Breve Historial das actividades Arqueológicas</i> .....	33
2.2.2. Os Concheiros do Sado: Aspectos Gerais.....	34
2.2.3. O Território: <i>Da Fase de Transição entre o Mesolítico e o Neolítico Antigo, até ao Neolítico Recente - Aspectos gerais</i> .....	37
2.3. O Torrão no III Milénio antes de Cristo.....	40
2.3.1 Enquadramento.....	40
2.3.2 O Monte da Tumba.....	41

### Capítulo 3.

#### A Presença Romana

1. Antes da Conquista: <i>Algumas Questões em Aberto sobre o II e o I Milénio a. C no Torrão</i> .....	44
2. A Ocupação do Território em Contexto Romano.....	46
2.1. A Historiografia.....	46
2.2. O Espaço.....	47
3. O papel da Via Romana, no Torrão.....	50
4. O Torrão na Antiguidade Tardia.....	54

---

## Introdução

*Haverá quem admire a minha pertinácia, não duvido.  
Se muitos indivíduos ha que levam tempo infinito em profundas investigações,  
afim de apurarem ou reconstruírem a genealogia da sua família,  
não admira que se gaste tempo a reconstruir a genealogia de um povo – a historia de uma  
localidade.*

*Joaquim Correia Baptista, escrito em 1896, no “Arqueólogo Português”.  
Primeiro responsável pelo Museu Municipal de Alcácer do Sal.*

Durante séculos, desde meados do século XIII e até ao século XIX, a vila de Torrão foi sede de município.

Essa realidade jurídica, de quotidianos vividos em autonomia administrativa permitiu forjar uma personalidade cultural, que define actualmente a maneira de ser do Torranense.

A perca de autonomia concelhia do Torrão no século XIX é uma questão de investigação em aberto, que não será abordado neste livro.

Alguns investigadores sugerem que se tratou de uma castigo imposto ao Torrão, após a vitória Liberal sobre as tropas do rei D. Miguel, em virtude do apoio que as elites locais prestaram às tropas miguelistas que actuavam na região.

Apesar do interesse que esta questão poderá ter na actual comunidade, este facto será para nós um dos limites diacrónico deste livro, dado que entendemos que a realidade local do Torrão, que passa de município para freguesia, necessita de uma abordagem que foge dos objectivos propostos para esta obra.

A freguesia de Torrão, a segunda maior do nosso país, é uma realidade geográfica que se impõe na paisagem e é o resultado de milénios de presença humana neste território, drenado pelas bacias fluviais dos rios Xarrama e Sado.

Face a milénios de acção antrópica, o território do Médio Sado apresenta um registo arqueológico e uma documentação histórica, muito escassa e fragmentada, impedindo uma adequada visão de conjunto. A tudo isto deve-se juntar o atraso na investigação no seu todo.

De facto, constata-se que neste início de século XXI, com novos desafios, onde o turismo aliado a uma produção cultural adaptada às realidades específicas de cada comunidade geram oportunidades de emprego, parece-nos ser estrategicamente fundamental criar conteúdos inovadores alicerçados em investigação histórica, que permitam estimular um olhar mais profundo sobre o nosso passado e ler os vestígios que chegaram até ao presente.

A escrita desta monografia foi também pensada para ir ao encontro dos vários públicos presentes na freguesia e no município alcacerense, procurando:

*- Dar resposta à comunidade escolar local, estimulando a descoberta da sua História Local.*

*- Servir de guia para a descoberta de um passado para usufruto intelectual de todos aqueles que se interessam pelo Torrão, tanto a nível local como a nível internacional, como temos verificado ultimamente na Internet.*

A obra encontra-se dividida em 8 capítulos:

---

- *Começamos por efectuar uma introdução breve ao espaço geográfico e ao papel que os rios Xarrama e Sado desempenharam na estruturação do território em termos de identificação cultural e económica.*

- *Nos Capítulos seguintes, é efectuada uma resenha histórica sobre a História local, desde o Mesolítico até ao século XIX. Iremos deter-nos um pouco mais sobre arqueosítios emblemáticos da freguesia, como é o caso do Monte da Tumba.*

- *A inserção do Torrão no Reino Português em meados do século XIII, a implantação da Ordem de Santiago, também foram objecto de uma análise mais pormenorizada.*

- *No Capítulo 6, procuramos transformar o texto num guia introdutório ao Património da área urbana da vila do Torrão e espaço periurbano, onde na medida da documentação colocada à nossa disposição, foi apresentada uma resenha diacrónica de cada edifício seleccionado, assim como eventuais curiosidades.*

- *Dedicamos um só capítulo para analisar a problemática da Muçalla do Torrão, aproveitando quase na íntegra o texto efectuado em 2008 e colocado entretanto em formato digital no site do município de Alcácer do Sal.*

- *Deixamos de lado deliberadamente 3 Capítulos importantes da História Local desta freguesia; - **O Torrão Medieval Cristão, O Torrão Moderno e Contemporâneo e a questão da Escravatura Africana.** Tendo em conta o atraso patente na investigação local, estamos conscientes de que, para uma adequada abordagem, seria exigir um maior esforço de investigação, que traduzido em tempo, esgotaria todos os prazos que temos que cumprir. De forma a colmatar esta lacuna, apresentamos uma selecção de dados históricos ligados à História da freguesia, desde a Pré-História até ao século XIX.*

Escrever um livro é sempre uma tarefa demorada, que requer imensa investigação e rigor no discurso escrito e a sua publicação representa quase sempre um "parto difícil".

O bom acolhimento que a população do nosso município tem demonstrado em relação às obras que regularmente colocamos à sua disposição, tanto em formato de papel, como em suporte digital, são estímulos continuados para o trabalho que regularmente efectuamos.

Temos consciência de que a História do Torrão ainda contém imensos séculos em sombra, que associados a imensa documentação ainda inédita para transcrever e estudar, não permitem esgotar o tema.

Devemos ler este livro, como uma introdução à sua História Local, onde deliberadamente abordamos alguns aspectos, reflexo do nosso percurso de investigação e deixamos de lado outras questões igualmente importantes, mas que ainda não mereceram da nossa parte a devida atenção.

Penso que após a publicação desta obra, que procurou ser o mais abrangente possível e que abarca milénios, estão reunidas as condições para a pesquisa monográfica de episódios Históricos de curta duração.

Apesar de por vezes os trabalhos terem um rosto, neste caso um autor, a escrita e a investigação Histórica, resultam sempre de trabalhos no colectivo.

Nunca é de mais realçar a coordenação da Vereação do Pelouro da Cultura, o suporte dado pelos colegas do Gabinete de Arqueologia de Alcácer, assim como o apoio constante do restante executivo municipal, neste e noutros projectos.

Um agradecimento ao apoio dos nossos colegas da CMAS, nomeadamente à Biblioteca Municipal que no plano da edição, contribuíram para levar a bom termo esta obra.

Por fim, realçar o apoio desinteressado do executivo da Junta de Freguesia do Torrão, especialmente do seu presidente, que prontamente respondia às nossas

interrogações sobre o Torrão e que nos permitiu ter acesso privilegiado a torranenses detentores da cultura local.

Convém frisar que este trabalho, apesar de ter uma estrutura autónoma e de ser destinado a um outro tipo de público leitor, segue de perto alguns textos já efectuados e que se encontram disponíveis nos volumes II e III da colecção digital, "*Elementos para a História de Alcácer do Sal*", alojados no "sítio" do município de Alcácer do Sal.



*A terminar, dedicamos esta primeira Monografia do Torrão à sua população, a quem se identificar com a sua cultura e também à memória de João Carlos Faria; amigo, colega e arqueólogo, que no século passado me introduziu ao estudo desta região do Baixo Xarrama.*

## Capítulo 1.

### Um Território e dois Rios: *O Xarrama e o Sado*

1. *Tem huma ribeira contigua a vila da parte do Norte muito rápida de Inverno pella muita pedraria, he muito nociva de verão pellas aguas enclaradas, que ficão nos pegos.*"
2. *A qual Ribeira tem seu principio nas vinhas de Évora distante sete legoas; e se metem nella/muitos ribeiros de Inverno, pasa junto a esta vila da parte do Norte; e se vai meter na Ribeira do Sadam; e esta se xamã o Xarrama"*

*Padre Francisco Carneiro e Abreu, 29 de Junho de 1758.  
(da Matriz do Torrão)*

#### 1. Enquadramento Geográfico

A breve síntese diacrónica que precedemos neste estudo, tem como limites geográficos a actual área geográfica da freguesia do Torrão.

Esta expressão administrativa não espelha o território que durante séculos fez parte do extinto município com o mesmo nome.

De facto, a actual expressão jurisdicional torranense, fruto da reorganização do território do Baixo e Médio Sado por decisão política, resulta da sua inserção no município de Alcácer no século XIX, deixando de fora vastos territórios historicamente relacionados, como é o caso de Odivelas e Santa Margarida do Sadão.<sup>1</sup>

Em compensação, foi-lhe anexada no século XX, a extinta freguesia de São Romão do Sado.<sup>2</sup>



<sup>1</sup> Correspondem a freguesias que foram inseridas no concelho de Ferreira do Alentejo, onde se mantém actualmente.

<sup>2</sup> Antiga freguesia do termo de Alcácer, desde o século XIII.



A freguesia do Torrão faz parte administrativamente do município de Alcácer por decreto de 3 de Abril de 1871, transitando do concelho de Alvito.

Possui segundo os últimos censos, uma população de 2 758, dos quais 1 413 são mulheres e 1 345 são homens (fonte INE)

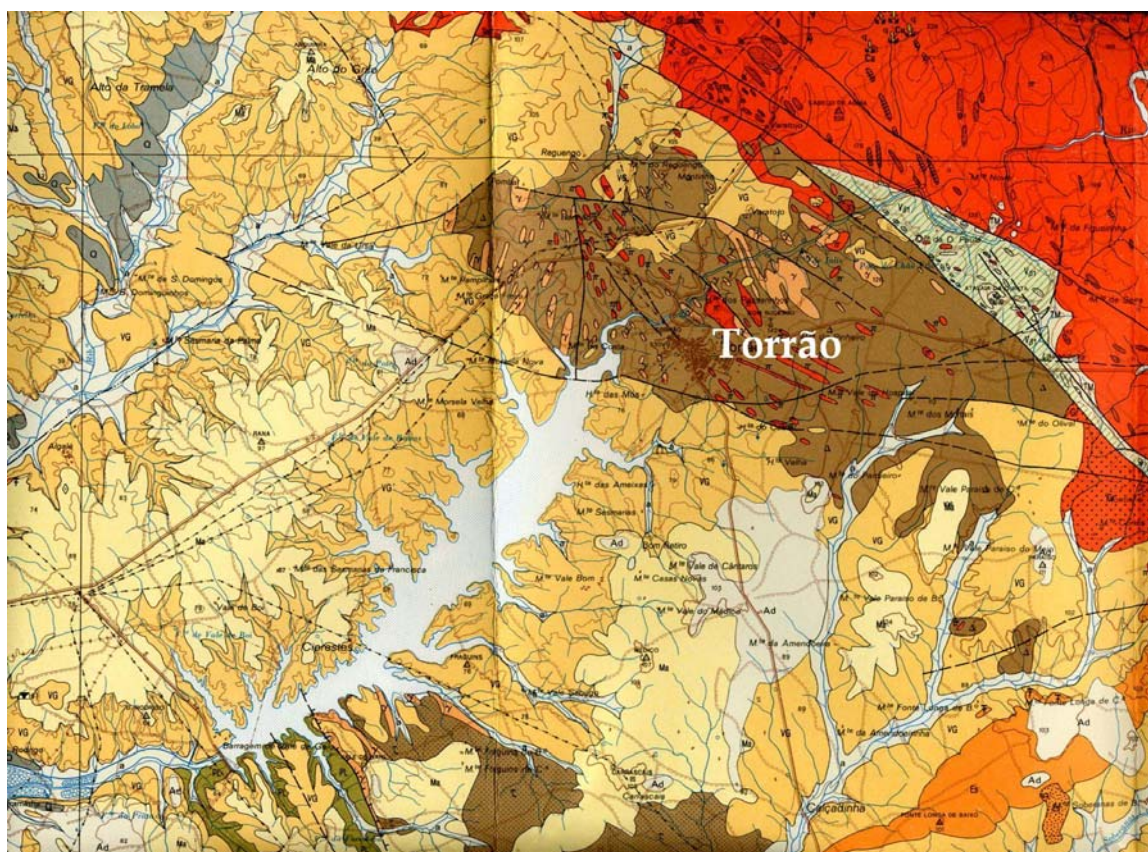
Com uma área de 372,7 km<sup>2</sup>, maior que muitos municípios portugueses, estamos perante a segunda maior freguesia do País, localizando-se a 35 km de Alcácer do Sal.

O Torrão, sede da freguesia, localizada num ponto elevado, estrategicamente sobre o rio Xarrama, correspondendo à área urbana mais importante, albergando igualmente o conjunto mais relevante do património histórico deste território, assim como um leque importante de equipamentos públicos e privados.

Em espaço rural e nas margens do rio Sado, localizam-se as aldeias de São Romão e Rio de Moinhos, referenciados desde o século XVI.

Se para Alcácer do Sal, o rio Sado representa a alma da cidade, para o Torrão esse papel é reservado ao rio Xarrama.

A vila localiza-se estrategicamente num alto, espriando o seu casario branco ao longo de uma cumeeada rochosa sobranceira ao vale apertado do rio.



Enquadramento geológico da vila do Torrão, segundo a Carta Geológica de Portugal.<sup>3</sup>

O fundo do vale, escavado em afloramentos complexos de granitos e garbos do Paleozóico (Carbónico), encontra-se caoticamente apinhado de rochedos, aonde a custo fluem as águas do Xarrama.

As encostas íngremes laterais do vale de perfil um pouco apertado, emprestam uma paisagem pedregosa e diferente a esta região do Médio Sado.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> GONÇALVES e ANTUNES (1992). *Notícia Explicativa da Folha 39-D, Torrão*. Edição dos Serviços Geológicos.

<sup>4</sup> Facto relatado por cronistas locais e por alguns viajantes que por cá passaram.

A isso se devem os afloramentos rochosos de grande dureza do Soco Hercínico que dominam o substrato geológico para montante do Torrão.

De facto, a análise da carta geológica de Portugal (Folha do Torrão) permite verificar que a área urbana encontra-se implantada numa fronteira geológica:

*- O Torrão assenta sobre formações rochosas do Carbónico e imediatamente para jusante, inicia-se a Bacia Sedimentar Cenozóico do Sado.*

Quanto à geomorfologia, predominam as colinas baixas escavadas a custo pelas bacias hidrográficas do Sado e do seu afluente, o Xarrama.

As maiores altitudes, que ultrapassam os 200 m, localizam-se nas colinas que constituem o limite histórico da freguesia com a freguesia das Alcáçovas a Norte e o município do Alvito a nascente. O ponto culminante da freguesia situa-se no limite com o Alvito, partilhando com este o Cerro da Mina, com 219 m.

No Baixo Xarrama para jusante e ao longo das margens do Sado, predominam os terrenos argilosos e arenosos, onde se encontram preservados alguns terraços fluviais, testemunhos das oscilações geostáticas do nível do oceano no decurso do final do Cenozóico.

A bacia hidrográfica é dominada pelo curso do Sado, que atravessa a freguesia numa área ligeiramente a sul, desde Rio de Moinhos<sup>5</sup> a Porto do Rei<sup>6</sup>.

Nele confluem na margem direita, o rio Xarrama e a ribeira de Algalé.

Na margem esquerda, em terrenos arenosos e argilosos os cursos fluviais têm escassa expressão. Poderemos referir os cursos perenes do Vale de Laxique, de Porches e pouco mais.

A área central da freguesia é dominada pelo curso do rio Xarrama, que praticamente parece dividir esta parcela do território a meio. Neste troço do seu leito fluvial foi construída a barragem de Vale do Gaio, que permitiu criar junto à vila um vasto lençol de água.

Em 1868, Andrade Corvo, no seu relatório acerca da "*Arborização Geral do Paiz*", quando se detêm sobre a bacia do rio Sado, transcreveu relatos e reflexões de outros investigadores, para melhor fundamentar a sua posição para apoio à decisão régia. Pelo interesse, que representa, ao nos permitir transportar para as paisagens ribeirinhas desta rede hidrográfica em finais do século XVIII e inícios do XIX, achamos oportuno transcrever algumas partes (sic):<sup>7</sup>

*"Acerca da parte da bacia hydrographica do rio Sado, comprehendida na região quaternária que acima indicamos, desde a fregezia de Messejana até Valle-de-Guizo, o engenheiro Francisco Montez de Champalimaud dá minuciosos esclarecimentos que julgamos útil transcrever aqui na integra.*

*- Abrange esta zona (representada no esboço chorographico que acompanha o relatório) uma grande parte dos concelhos de Aljustrel, Ferreira e Grândola, e outra, pequena, dos de Odemira, S.-Thiago-de-Cacem, Alcácer-do-Sal e Alvito; ficando limitada a N. pelas freguezias de Valle-de-Guizo e S.-Romão; a E. pelas de Odivellas, Ferreira e Aljustrel; a S. pelas de Messejana e Valle; e a O. Pelas de S. Domingos, Senhora-da-Abella e Grândola...*

*As ribeiras que cortam esta área correm quasi todas, n'um deposito alluvial de possança variável, desde alguns decímetros até mais de 2 metros, formado de calhaus rolados ou cascalho de differente natureza, predominando os fragmentos de rochas*

<sup>5</sup> A montante.

<sup>6</sup> A jusante.

<sup>7</sup> CORVO (1868) Relatório acerca da Arborização do Paiz, p. 78-79 e 84.

*schistosas e, em menor numero, siliciosas; não sendo raro encontrarem-se de grauwackes de diferentes formas, e raiados de diversas cores.*

*Uma grande extensão das margens d'estas ribeiras é desguarnecida de arvoredo e revestimento apropriado. Em alguns sítios nascem e crescem as tamargueiras, os loendoeiros e os mosqueiros, de que podia tirar-se proveito para a defeza das margens; abandonados, porém, a si próprios, acontece muitas vezes serem pelas cheias arrancados com grande céspedes, e arrastados para o interior dos leitos, onde não é raro encalharem, dando lugar, pelo desvio das aguas, a se formarem na vasão pequenas ínsuas mais ou menos agrupadas, que muito os prejudicam.*

*Pode dizer-se que todas estas ribeiras apresentam o carácter torrencial, pois que na maior parte da sua extensão, a inclinação dos leitos não será menos de 5 a 8 minutos; acontecendo exceder muito além em diversos sítios, e mesmo, em outros, accumulando-se ainda a ponto de formarem as aguas, quedas ou burdos (como por aqui lhe chamam) de um e mais metros, abrindo assim, por ocasião das cheias, grandes escavações, que em terrenos brandos, como geralmente estes são, tantos estragos motivam.*

*Em geral as vertentes dos terrenos adjacentes ás margens são regularmente suaves; apenas em um ou outro lugar atingirão uma inclinação maior de 45 graus, e em desfiladeiros ou escarpamentos quasi a pique raramente se cortam.*

*No estio, principalmente em annos rigorosos, pouca agua levam quasi todas elas; chegando algumas a correr unicamente por infiltração nas areias ou cascalho.*

*Os vales e ladeiras, formados por pequenas collinas ou outeiros de sublevação, são geralmente revestidos de mato espesso e bem enraizado, e portanto inoffensivos, pelos seus detritos, ao régimen das ribeiras, fornecendo antes, por uma lenta degradação, o húmus ou terra propriamente dita, que nas várzeas e terrenos baixos faz parte da terra vegetal. É, porem, muito para attender a indistincção e inconveniência com os agricultores, tendo muitas vezes por onde escolher e alargar-se, arroteiam e lavram certas encostas, cujas terras com grave prejuízo seu, e não menor das ribeiras, são arrastadas pelas aguas das grandes chuvas. Em muitas d'estas localidades é este, sem duvida, o maior mal do régimen das correntes fluviaes. Os próprios valles, formados por erosão ou denudação, não seriam tão nocivos se não houvesse para com elles equal abuso, pois que n'elles se observa uma tendência manifesta para se revestirem de uma apropriada vegetação.*

*A dilatada campina do Sado entre S.-Romão e Alcácer-do-Sal com 500 a 1 000 metros de largura, enriquecida pelos nateiros que as cheias do rio ali depositam, é de uma fertilidade admirável. Infelizmente a incúria dos povos tem deixado estas riquíssimas várzeas expostas aos insultos das mesmas cheias, ao passo que a cultura do arroz, estabelecida n'alguns pontos, tem produzido não menores males. Em S.-Romão, por exemplo, e perto das fozes das ribeiras do Torrão e Algalé, torna-se da maior necessidade que o curso do Sado seja convenientemente regularizado, reforçando-se as margens com a plantação de arvoredo.*

Quanto à paisagem, o curso do rio Sado divide a freguesia "grosso modo" em duas partes.

Na margem direita, incluindo o vale do Xarrama, o Torrão e as colinas interiores, predominam os montados<sup>8</sup> e a Campina<sup>9</sup>.

No vale do Sado propriamente dito, predominam as lezírias e os regadios mediterrânicos.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> De sobre e azinho. (1987) Património Natural do Distrito de Setúbal, p. 13, fig. 1 (*Sub-Regiões naturais do Distrito de Setúbal – com base em Albuquerque, 1984*).

<sup>9</sup> De sequeiro estreme. Ibidem (1987), p. 13, fig. 1.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 13, fig. 1.

Na margem sul e esquerda do rio, predomina a denominada "Gândara do Sado" (tojal)<sup>11</sup>.

Imperam os solos de nula ou escassa capacidade de uso agrícola.

Sobre esta questão, Andrade Corvo no Relatório supra referido<sup>12</sup>, afirmava que (sic):

*"Este immenso tracto é quasi plano, mas interrompido por numerosos vales e barrancos. (...) D'esta mui vasta superfície só a quinta parte, se tanto, estará occupada com algumas culturas, e por montado de sobro e raro olival, nos valles e nas encostas, os quatro quintos restantes acham-se incultos, sem arvoredo, e apenas em partes revestidos de matto. É n'este grande tracto que se acham comprehendidas as vastas e medonhas charneças, tão tristemente celebres entre nós pelas falsas ideias de sua esterilidade e seccura, e outr'ora pelos repetidos latrocínios e mortes de que eram teatro;..."*



O Médio Sado, junto do São Romão do Sado

Um pouco mais á frente, ao analisar as potencialidades da Bacia Hidrográfica do Sado junto ao Torrão (sic):<sup>13</sup>

*"Numas partes, nos valles por onde ellas correm, encontram-se campos cultivados de cereaes, e com algum arvoredo: é o que succede em diversos sítios das ribeiras de Odivelas, de Xarrama e de S-Christovão. N'outras partes são cobertas de um deposito alluvial estéril, os leitos maiores das ribeiras, ou então estas correm em*

<sup>11</sup> A Gândara do Sado corresponde a vastas charneças povoadas por pinhais e montados. Ibidem, p. 13, fig. 1 e p. 14.

<sup>12</sup> CORVO (1868) Relatório acerca da Arborisação do Paiz, p. 18.

<sup>13</sup> Ibidem, CORVO (1868), p. 77.

*valleiros estreitos e mui profundos, em cujo córrego se mostra escavada a rocha do subsolo: é o que se observa n'alguns pontos das citadas ribeiras de Odivelas, Xarrama e S-Christovão, e também nas de Alcáçovas, Cabrella e outras. O que é, porém, digno de notar-se, é que em todo o caso as encostas, ainda as mais escabrosas e alcantiladas, têm uma peculiar aptidão para a sivicultura:..."*

Os solos de classe A e B, concentram-se á volta da vila do Torrão e na lezíria do rio Sado<sup>14</sup>. Correspondem a solos com capacidade de uso agrícola muito elevado a elevado, assim como outro de utilização agrícola intensiva a moderadamente intensiva.

No vale da ribeira de Algalé, junto ao curso de água, predominam os solos de uso agrícola mediano e de pouca intensidade, envolvidos por vastos terrenos quase sempre não susceptíveis de utilização agrícola ou florestal.<sup>15</sup> Este tipo de solo surge como manchas a sul do Torrão e na zona de fronteira com os concelhos de Ferreira do Alentejo e Grândola.

Na restante área, nomeadamente em Porto Carro, D. Rodrigo ou no Xarraminha, predominam os solos de baixa capacidade agrícola, mas que podem ser utilizados para pastagens, matos e exploração florestal.

A margem esquerda do Sado é a região mais desfavorecida da freguesia na tipologia dos de solos, predominando os terrenos não susceptíveis de utilização agrícola ou florestal.

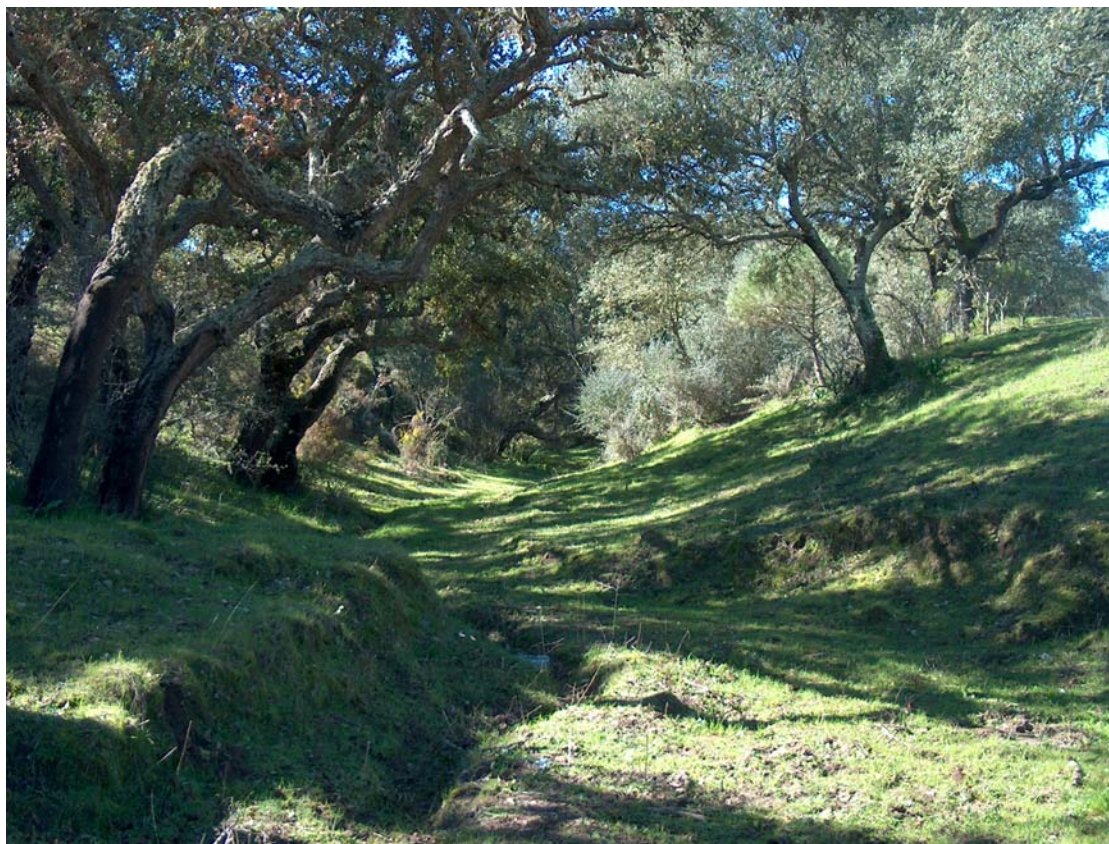


Colinas de solos pobres e secos em Benagazil - S. Romão do Sado

<sup>14</sup> Ibidem, p. 43, fig. 8 – Capacidade de uso do solo (com base em SROA, adaptado para AMDS, 1987)

<sup>15</sup> Ibidem, p. 43, fig. 8.

Subsistem pequenas manchas interiores de solos com baixa capacidade de uso agrícola, junto a Benagazil, Herdade dos Salemas e Rio de Moinhos.<sup>16</sup>



Fio de água perene em Benagazil – São Romão do Sado.

Quanto aos aspectos climáticos, o curso do rio Sado parece marcar uma fronteira.

Na margem direita do rio, incluindo o curso do Xarrama, a vila do Torrão e o restante território da freguesia, predomina um clima com Invernos Frescos e Verões muito Quentes.

Na margem esquerda do Sado e zona sul da freguesia, predominam os Invernos Moderados e Verões Muito Quentes.

Sobre as várzeas do Sado e ao longo do vale do Xarrama incluindo o Torrão, ocorrem nevoeiros de Baixas Continentais (de irradiação).<sup>17</sup>

Estes ocorrem especialmente durante o Outono, Inverno e Primavera, geralmente durante a noite e de manhã cedo, num quadro que se espalha ao longo do restante curso do rio Sado, incluindo a área urbana de Alcácer do Sal.

Em síntese, poderemos afirmar que a magia do Torrão desenha-se na paisagem que chegou até aos nossos dias, seja ela de matriz natural<sup>18</sup> ou moldada pelo homem.

Trata-se de um território sedutor, salpicado de colinas, que mudam de cor ao longo das estações do ano.

A faina humana ligada à agricultura, seguindo os ciclos da natureza, tenta-se impor e tem moldado a paisagem e coberto vegetal desde há milénios, contudo, continuam a predominar os riachos e as florestas de "montado", por onde pastam manadas de gado, veados e javalis.

<sup>16</sup> Sobre esta questão, ibidem, p. 43, fig. 8.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 18, fig. 3, (Esboço Climático do Distrito de Setúbal – adaptado de Daveau, 1980)

<sup>18</sup> Mesmo esta é o resultado da acção do homem e das mudanças climáticas prevalentes ao longo dos séculos.

Cortado pelo profundo vale do Xarrama, que vai desaguar no rio Sado, o Torrão é um espaço cheio de contrastes, que convidam à descoberta dos seus mais íntimos segredos.

A versatilidade do território, assente sobre um substrato geológico diferenciado, com rochas formadas desde o Paleozóico até ao Cenozóico, criaram ciclos diferenciados de erosão e deposições sedimentares específicas que ao fim de milhões de anos, espelham paisagens de coberto vegetal diferenciados

Estas sempre foram lidas de forma clara pelas comunidades humanas instaladas neste espaço, tendo em vista a optimização e a potencialidade dos recursos disponíveis.

Este facto terá motivado a eclosão de diferentes dinâmicas na apropriação dos seus recursos ao longo dos séculos e a sua defesa.

A História desta freguesia é pois o legado de gerações “*anónimas*” de Torranenses que desde o Mesolítico, há mais de 7 000 anos BP e até aos nossos dias, escolherem e chamaram “*terra mãe*” a este território.

## 2. O Impacto do rio Xarrama na vila do Torrão

### 2.1. Enquadramento Geral

Como já foi referido anteriormente, admitimos que o rio Xarrama desempenha para a vila do Torrão um papel provavelmente semelhante ao do rio Sado em Alcácer!

Num vasto Alentejo, onde predominam os montados sobre colinas secas, drenadas por ribeiros de curso perene, o Xarrama impõe-se junto à vila do Torrão, fornecendo-lhe água, permitindo um meio de comunicação, representando igualmente um acidente geográfico que é necessário transpor.

No Inverno as suas águas galgam os penhascos e rochedos que povoam o seu leito caótico. No Verão o rio quase que seca e a água que resiste estilhaça-se numa multidão de pegos que a custo sobrevivem entre os rochedos.

Seja como for, o rio, o seu vale encaixado e a sua dificuldade em transpor, criando um inesperado acidente geográfico no meio de uma paisagem de acesso fácil terão levado provavelmente à valorização do local ao longo dos séculos.

Poderá ter tido uma conotação sagrada em contexto Pré-Histórico, que num percurso de memória popular, cujos pormenores nos escapam, chegou até aos nossos dias.

Esta leitura assenta na existência de duas antas em S. Fraústo e à lenda popular aí existente. Segundo Leite de Vasconcelos<sup>19</sup> (sic):

*" Diz o povo que o santo (S. Fausto) apareceu dentro d' esta anta, e que tivera em cima da tampa um nicho, de que ainda em verdade se vêem vestígios abundantes; só depois foi mudado para um tempo."*

Seja como for, no período seguinte, no decurso do Calcolítico, assiste-se na vila do Torrão e no Monte da Tumba a nova presença humana.

Desconhecendo que nome terá tido o rio nesta altura, ou se terá sido objecto de culto religioso!

<sup>19</sup> VASCONCELOS (1898) Excursão Archeológica ao sul de Portugal: *Alcácer e arredores – Torrão-Alcáçovas-Evora e vizinhanças*, p. 115

O certo é que o local, após séculos de “*abandon*” vai ser de novo ocupado em contexto romano, tendo em conta a sua valorização como ponto de apoio e de passagem da estrada romana de Salacia para *Pax Iulia*.

Admitimos com base no actual topónimo, de génese latina e adoptada em contexto islâmico, que o Torrão tem sido habitado de forma continuada desde essa época, perfazendo um total provável de quase 2 000 anos.

## 2.2. A Origem do Topónimo “*Exarramam*”

A primeira referência toponímica conhecida do rio Xarrama surge num documento da chancelaria de D. Sancho I datado de 1186, referente à confirmação da doação dos Castelos de Alcácer, Palmela, Almada e Arruda a Sancho Fernandes, Mestre da Ordem de Santiago, emitido a 28 de Outubro de 1186.<sup>20</sup>

O rio então denominado de “*Exarramam*” é em conjunto com a serra das Alcáçovas/*Alcazouis* um dos elementos geográficos estruturantes usados para a delimitação do termo de Alcácer (sic):

*“In primo per lombum de serra de Alcazouis quomodo ferit in Exarramam et ultra Exarramam per lombum quomodo uadit ad capita de Seuerena et de ipsis capitibus quomodo ferit charnecha in monasterium quod iacet in ripa de Odiuelas et ultra Odiuelas sicut uadit directe ad forcadas de Alfondom et de ipsis forcadas quomodo uadit directe ad Alualadi et de Alualadi quomodo uadit lombum inter Coronam et Benetolat usque ad cerrum de Monte Acuto et per aquam que descendit de Monte Acuto usque ad maré. Et de predictis Alcazouis sicut uadit directe ad fontem de Chiriana et inde sicut uadit directe ad serram de Arloch et sicut uadit de ipsa serra ad Rengiam et Rengia ad cimalias de Campo Maiori et inde quomodo ferit cerrum in Caniam...”*

*Et termini de Palmela iuntent se cum terminis de Alcazar et de Almadana.”*

Dada a ausência de documentação ulterior, desconhecemos de que modo se terá formado esta denominação.

A manutenção de toponímia de origem islâmica na região, caso de Alcácer e partindo do pressuposto, de que grande parte dos cristãos não sabiam falar ou compreender a língua árabe, é provável que em determinadas situações, o registo em árabe fosse adaptada à fonética latina e ao português arcaico, para uma melhor reprodução futura.

Será que a palavra *Exarramam* estará incluída neste âmbito de processo?

Pensamos que sim.

## 2.3. Memórias do Xarrama ao longo dos séculos

Afluente do rio Sado, o Xarrama nasce a norte da cidade de Évora.

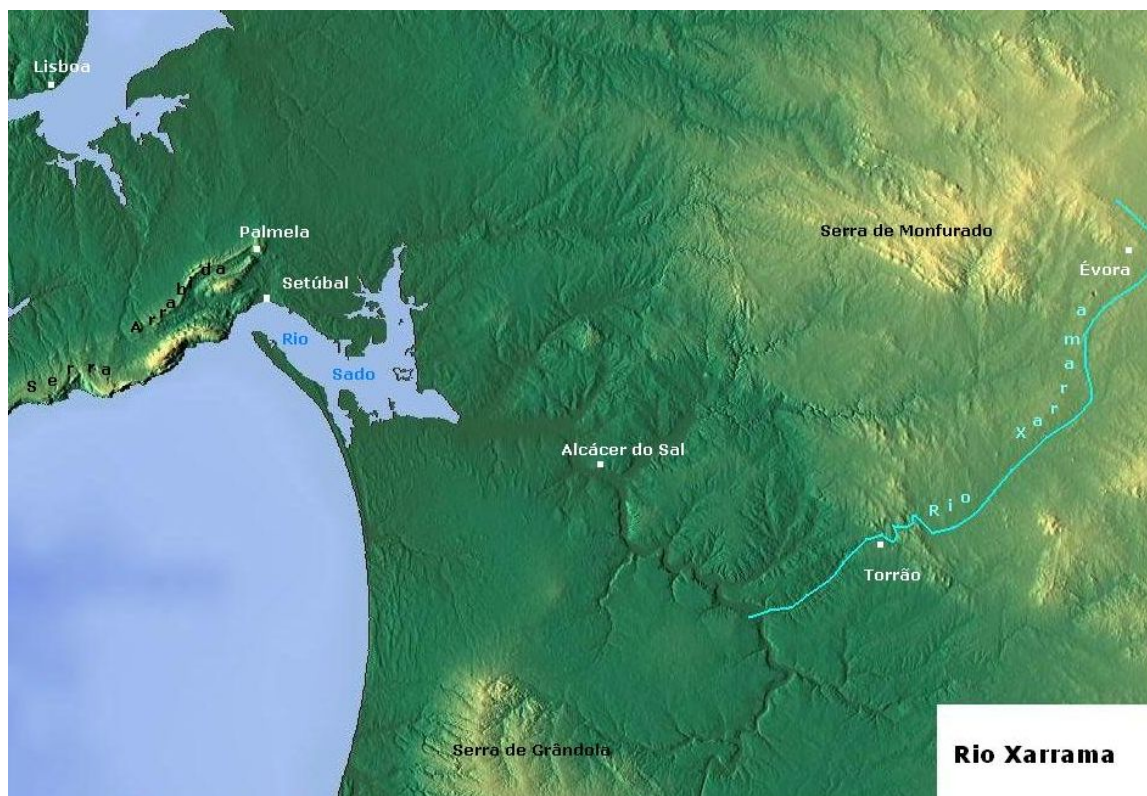
Contornando esta cidade pelo seu lado nascente, o rio desenha o seu curso ao longo de uma planície pouco ondulada até entrar no concelho de Viana do Alentejo, junto ao serro de Alcalinha e à povoação de Aguiar.

<sup>20</sup> Documentos de D. Sancho I (1174-1211) Vol I. Transcrição de Rui de Azevedo, P. Avelino de Jesus da Costa e Marcelino Pereira, 1979, doc. Nº 14, p. 22-24.



Fronteira histórica e natural entre as Alcáçovas e Viana do Alentejo, o rio desenvolve-se para sul até chegar aos limites do município de Alvito e da Freguesia de Torrão.

É neste troço, escavado a custo em rochas do Paleozóico e num relevo ondulado, que o rio ganha a sua maior expressão na paisagem envolvente até chegar à vila de Torrão.



Algumas centenas de metros para jusante do Torrão, o vale apertado do Xarrama, encaixado em afloramentos rochosos, vão dar lugar a um vale amplo, escavado em terrenos argilosos e arenosos, até desaguar no rio Sado junto à Herdade de D. Rodrigo.

Ao longo dos séculos o rio foi objecto de alguma curiosidade.

Como já assinalámos anteriormente, a referência mais antiga conhecida ao rio Xarrama de que temos registo, encontra-se num documento régio da Chancelaria do rei D. Sancho I, datado de 28 de Outubro de 1186.

Depois de alguns séculos de silêncio documental, deve-se a Duarte Nunez do Leão a segunda referência conhecida; quando este escreve algumas notas sobre o rio Sado,<sup>21</sup> afirmando que este é o resultado da junção das ribeiras de *Exarama*, de *Odivellas*, de *Garcia Menino* e de *Santa Deteça*.

Séculos depois, o rio é de novo mencionado.

Deve-se ao Prior da Matriz do Torrão, Francisco Carneiro e Abreu<sup>22</sup>, a mais completa descrição conhecida do Xarrama, efectuada no século XVIII.

Começa o texto pela localização geográfica do rio em relação à vila do Torrão.

Em continuação, descreve sumariamente o seu comportamento durante as estações do ano; onde nasce, onde desagua e qual o seu nome (sic):<sup>23</sup>

<sup>21</sup> LEÃO (1610) *DESCRIÇÃO DO REINO DE PORTV GAL*, fol. 39-40.

<sup>22</sup> Macedo (2009) *INQUÉRITOS PAROQUIAIS DE 1758 NO CONCELHO DE ALCÁCER DO SAL: Resposta da Freguesia do Torrão*. ADPA (prelo)

<sup>23</sup> Seguimos na íntegra a transcrição efectuada por Carla Macedo, supra referido na nota anterior.

*"1. Tem huma ribeira contigua a vila da parte do Norte muito rápida de Inverno pella muita pedraria, he muito nociva de verão pellas aguas enclardadas, que ficão nos pegos."*

*2. A qual Ribeira tem seu principio nas vinhas de Évora distante sete legoas; e se metem nella/muitos ribeiros de Inverno, pasa junto a esta vila da parte do Norte; e se vai meter na Ribeira do Sadam; e esta se xamã o Xarrama"*

Em seguida e na sequência do inquérito paroquial, enumera as pescarias efectuadas no Xarrama, algumas das actividades económicas efectuadas junto das margens e algumas curiosidades por si dignas de registo (sic):

*"7. Há nela muitta qualidade de peixes Tainhas, Barbos, Bogas, Pardelhas, Irisez, Salmões, e outros mais. Tem huma Ponte junto a esta vila de parte de poente com seis arcos; e o Real tem de altura cento e vinte palmos; e a ponte de comprimento sesenta e oito varas e (tem) hoje hum Nicho com o Senhor Sam João Nepomeçeno, cujo mandou fazer, de esmolas, e a Imagem de Santo, Severino Joze Xavier, e outros devottos.*

*8. Há nella pescarias de canaes; canas, redes, e barcos em todo o anno.*

*9. As pescarias são livres, excetto alguns canaes, que hum he do Ducado, outro do doutor Juis de fora, pescaria de pouca consideração.*

*10. Cultivaoce as suas margens, tem algum arvoredos de Feixos, e outras arvores silvestres.*

*11. Não sei que as aguas tenham alguma virtude.*

*12. Não me consta, que esta Ribeira tivesse outro nome, a parte do Poente.*

*13. Vay dito, se mete no Rio Sadam, daqui duas legoas para a parte do poente.*

*14. Não consta tenha Cachoeira, Represa, Levada, ou asudes; somente junto a esta vila muitta pedraria.*

*15. Não consta tenha mais que a Ponte, que vai descrita no Interrogatório sétimo; outra logo no seu nascimento nas vinhas de Évora de pouca grandeza; outra por baixo de Évora, indo para Aguiar.*

*16. Tem oitto moinhos perto desta terra, e outros aruinados, e não tem otro algum engenho.*

*17. Não consta que de suas áreas se tirasse ouro.*

*18. Não consta que alguém se aproveite de suas aguas, nem para isso haja prohibição.*

*19. Dista a dita Ribeira desde o seu nascimento athe a esta vila sete legoas, e aonde se mete, Nove e não sey passe por povoação alguma." (Junho 29 de 1758).*

Já o pároco da freguesia de São Romão do Sado, Pedro Afonso Pires de Barros, é lacónico em relação ao Xarrama, mas muito generoso na descrição que efectua do rio Sado<sup>24</sup>. Em relação ao Xarrama, afirmou que (sic):<sup>25</sup>

*" 3. Nos limites desta freguesia entram duas Ribeyras ou Rios pequenos, que deverão se (') no Rio Sadão; huma chamada a Ribeyra da Encharrama, que entra no Rio Sadam entre huma Erdade chamada a Enchurraminha e outra Erdade chamada a quinta de Dom Rodrigo e a outra Ribeyra ou Rio pequeno chamada de Algale, que entra no dito Rio Sadão entre a Erdade dos frades do Pinheiro de Évora e a Erdade das Parchanas."*

<sup>24</sup> Esses elementos serão transcritos no ponto seguinte, quando falarmos do rio Sado

<sup>25</sup> Macedo (2009) *Inquéritos Paroquiais de 1758 no Concelho de Alcácer do Sal: Resposta da Freguesia de São Romão do Sado*. ADPA (prelo)



Tratando-se o Xarrama, de um rio que nasce nas "vinhas de Évora" e que desagua no Médio Sado, será que este afluente do Sado seria conhecido para jusante de Alcácer do Sal?

Curiosamente o pároco do Torrão em 1758 desculpa-se de não saber mais sobre o Xarrama para jusante, porque é de origem transmontana, deduzindo-se que se encontrava há pouco tempo na freguesia, dado que textualmente afirma que não conhece bem a região.

Com base na compilação efectuada por Peres Claro sobre as Memórias Paroquiais referentes a freguesias do actual Concelho de Setúbal, ficamos a saber que em pleno século XVIII, a junção do Xarrama com o Sado e a região de São Romão, estavam associadas à nascente "oficial" do rio que desagua em Setúbal.<sup>26</sup>

É deste modo que se pronuncia Manoel Pr<sup>a</sup> de Carvalho, pároco da freguesia de São Sebastião em 1758, quando responde à parte do inquérito respeitante ao rio que passa pela sua freguesia (sic):<sup>27</sup>

*"Se chama o rio Sado o qual tem o seu principio parte na herdade de Sado que hé dos frades Bentos<sup>28</sup>, e parte no termo da Vila de Grândola do celebrado arroyo do Borbolegão..."*

Para o pároco do Prior da Anunciada, cujo nome desconhecemos porque não assinou o documento, os afluentes do Sado seriam (sic):<sup>29</sup>

*"Entrão nelle (rio Sado) o Enxarrama, Odivelas, Garcia mínimo, Santadetença, Palma etc. Os quatro primeiros assima de Alcacere, o ult<sup>o</sup> abaxo da mesma V.<sup>a</sup>*

<sup>26</sup> Suposição que segue de perto o que tinha sido escrito em 1610 por Duarte Nunez de Leão.

<sup>27</sup> CLARO (1957) *Setúbal no Século XVIII. As informações Paroquiais de 1758*, p. 17-18.

<sup>28</sup> Actual herdade de S. Bento, a jusante de São Romão do Sado.

<sup>29</sup> Claro (1957), *ibidem*, p. 35.

Deve-se ao "*Prior da freguezia de Santa Maria da Graça, matrix da villa de Setvval*" uma das descrições mais completas do Sado, que será transcrita um pouco mais á frente. Em relação ao Xarrama, assinala o seguinte (sic):<sup>30</sup>

(Referindo-se aos afluentes do Sado)... " *junto á Quinta de Dom Rodrigo a ribeira, ou rio Enxarrama : "... (...)* " *Nem faça duvida dizer eu, que o rio de Campilhas, e o de Corona entram no Sado em diversos lugares, achando-se estes dous rios embebidos hum no outro, e entrando no mesmo lugar nas cartas geográficas, como também o rio de Odivelas, e o Enxarrama; porque daqui, o que se segue, he, que erraram os geografos.*

João Baptista de Castro, em 1762, descreve o rio desta forma (sic):<sup>31</sup>

"*120 Enxarrama, ou Xarrama, nasce do ribeiro do Lored, e se junta depois com o da Lage perto do Convento do espinheiro de Évora. Tem sete pontes pequenas, e huma grande. A primeira da Cidade para o espinheiro: a segunda no caminho que conduz para Villa Viçosa: a terceira na estrada para Beja: a quarta da quinta do Sande: a quinta a dos fornos da cal: a sexta a que vay para Portel: a sétima do Louredo: a oitava grande, e sumptuosa, que fica da parte do Norte da Villa do Torrão*<sup>32</sup>. *Por ella passa quem vay para Alcácer do Sal, e para as Alcáçovas, ficando no meyo desta o grande ribeiro das Banhas. Depois finalmente que desagua na ribeira do Sado, vay com ella o Enxarrama meterse no rio de Alcácer do Sal.*

Em finais do século XVIII, entre 1797 e 1799, mas com publicação em Paris em 1803, temos a viagem efectuada em Portugal pelo naturalista M. Link, que atravessou esta região em mais que uma ocasião (sic):<sup>33</sup>

"*Derrière cês collines il y a une autre vallée, que le Xarama traverse, qui, dans cês environs, s´unit au Sado, et qui rend cette riviére navigable.*" (...)" *Dês bruyéres sablonneuses et une forêt de pins séparent cette vallée d´une autre, qui renferme le village Quinta de Don Rodriguez. Des deserts remplis de ladanum, continuent jusqu´á Figueira, ..."*

Em 1868, Andrade Corvo referia-se ao Xarrama deste modo (sic):<sup>34</sup>

" *Os rios chamados Xarrama e das Alcáçovas são confluentes do Sadão, tendo o primeiro a sua foz próximo a S.-Romão, e o segundo próximo a Alcácer. Estes dois rios não têm arvored, e nas cheias são perigosos, especialmente o Xarrama que passa quasi sempre em terrenos baixos e sem arvored algum em toda ou grande parte da sua extensão, levando comsigo nas cheias as terras adjacentes e tudo quanto encontra, pois consta-me ser muito impetuoso, por causa das muitas ribeiras que n´elle se lançam e vem das serras circumvizinhas*".

"... *Estes rios e mais ribeiros que por aqui há, precisam plantaçaõ nas suas margens*".

No início do século XX, a Sociedade Broteriana, revista científica de botânica da Universidade de Coimbra, publicava um estudo sobre a flora do Torrão.

<sup>30</sup> Claro (1957), ibidem, p. 46

<sup>31</sup> CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, Parte I e II. Lisboa, fol. 121.

<sup>32</sup> O sublinhado é nosso.

<sup>33</sup> LINK (1803) *Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu´en 1799*. Tome Second, p. 116

<sup>34</sup> CORVO (1868) *Relatório acerca da Arborizaçaõ do Paiz*, p. 78.

Estávamos em 1901 e é deste modo, como botânico, que Gonçalo Sampaio descreve a paisagem envolvente do Xarrama junto ao Torrão (sic):<sup>35</sup>

*" Perto do Torrão começam a aparecer alguns penedos de granito, e é sobre um leito d' esta rocha que correm e se despenham em pittorescas quedas as aguas claras do Xarrama. Nada mais inesperado do que esta cinzenta e amontoada penedia da ribeira, descrevendo um sulco profundo pelo meio de um terreno todo schistoso e amarellento.*

*Junto da ponte, pelos vallados, brilhavam, a granel, as corollas do Ranunculus Hollianus, uma das interessantes espécies da flora portugueza, bastante rara ao norte."*

*"Logo acima da margem esquerda do rio, e n' uma eminência do solo, fica a villa do Torrão, onde os Tavoras tinham o solar, que o Marquez mandou destruir e de que só escapou o velho templo que hoje serve de igreja matriz."*

*"Pelas margens do Xarrama a flora é, igualmente, muito interessante. Ahi colhi, entre outras espécies, numerosos exemplares da Genista hystrix, o Cytius baeticus, a Rosa Pouzini, a Rosa canina, o Leucoium trickophyllum, a Scilla campanulata e o Dianthus lusitanicus, que é extremamente abundante e começava então a florir."*

*"Por entre as pedras do rio, junto dos pequenos poços de agua, havia numerosos pés de uma variedade, que denomino Henriquesii, em homenagem ao illustre botanico e professor da Universidade dr. Júlio Henriques, ..."*



Rio Xarrama junto à ponte romana da vila do Torrão

<sup>35</sup> SAMPAIO (1902). *Um passeio botânico ao Torrão*. Boletim da Sociedade Broteriana, XVIII, Fasc. 1-2, Coimbra, p. 48-50.

### 3. O Rio Sado

#### 3.1. Memórias do "*Sado/Sadão/Sadam*", entre Rio de Moinhos e Porto Rei

O Sado e o Xarrama são diferentes entre si, drenando territórios específicos e o último rio referido, desagua no primeiro.

Também em termos de registos documentais, o Sado está em clara vantagem sobre o Xarrama, dado que é referido nos períodos romano e islâmico.

Enquanto o rio Xarrama, rio interior que "*morre*" no Médio Sado, faz parte da matriz cultural do Torrão, o Sado em contrapartida, marcou durante séculos um espaço de fronteira flutuante, com o termo de Alcácer do Sal e após o século XVI, com o de Grândola.



Vale do Sado junto a São romão do Sado.  
A fértil várzea encaixada entre terrenos pobres de areia e argila.

Por vezes as delimitações entre estes municípios permitia ao Torrão exercer algum tipo de jurisdição para lá da foz do Xarrama, anexando a margem esquerda do Sado, mas o seu leito fluvial era quase sempre assumido como um limite.

Só com a incorporação do Torrão como freguesia no concelho de Alcácer em finais do século XIX e a extinção da freguesia de São Romão do Sado, possibilitou a actual configuração da freguesia, permitindo estender a jurisdição torranense ao curso do Médio Sado, entre Rio de Moinhos e Porto do Rei.

A memória do rio também difere ao longo do seu curso.

Quando falamos do Sado na freguesia do Torrão, estamos a falar de um rio que corre entre lezírias de arroz, que abriu um vale amplo de arribas escavadas em areias

e argilas do Cenozóico, onde no alto de algumas colinas, sobrevivem vestígios de terraços fluviais.

Trata-se de um curso de água longo, que nasce nos Campos de Ourique e que entra na freguesia ainda com água doce, tornando-se gradualmente diferente após o "Porto de São Bento" onde, até meados do século XX seria ainda navegável.

Por alguma razão os vários cronistas portugueses que abordaram este rio sentiam dificuldades em definir em concreto o seu curso.

Quase sempre denominavam este troço específico de Sadão ou Sadam.

Para Duarte Nunez do Leão, o rio Sado<sup>36</sup>, era um curso de água confuso (sic):

*" Este rio nam tem nascimento algum próprio, mas he hum ajuntamento de aguas das ribeiras de Exarama, de Odivellas, de Garcia menino, & de santa Deteça a tempo que já vão mui grandes, por as aguas que colheram de muitas ribeirinhas, regatos & fontes: & se ajuntam todos em hum certo passo, doqula se faz hu rio grandeq se chama, Sado."*

Se tomarmos como base de análise as Memórias Paroquias, verificamos que quanto mais para jusante se escrevia sobre aspectos relacionados com o rio Sado, tais como a sua nascente ou os afluentes mais importantes, maiores eram as incertezas patentes nas descrições do rio.

Achamos por este motivo, dar a palavra aos párocos das freguesias de S. Romão, de São Mamede e de Santa Margarida do Sadão, que nas respostas que nos deixaram aos Inquéritos Paroquiais de 1758, permitem passados 251 anos, termos um vislumbre dos quotidianos vividos neste troço do rio.

Iniciando a nossa viagem de montante para jusante, começamos por transcrever as palavras do Padre João Ignácio da Pa, pároco da freguesia de Santa Margarida do Sadão, do extinto termo do Torrão. Estávamos em 15 de Maio de 1758 (sic):<sup>37</sup>

*"1. Chamasse o Rio Sadão e nasce da Serra de Gravão distante para a parte do Sul oijto léguas com (?)\*\*\* aguas, todo o anno metendo desse athe ale vários nassedios. Como das da herdade da Maguer, e juntas, o Porto do Mouro, aonde faz corpo de Agua com que moem dois aferidos cotidiannos.*

*3. Entra nelle o Rio da Anisa junto a mesma/freguesia e dali para bacho fas o Rio hu pego de legoa e meya de bom pondo que senão passa sem aver nelle braços pequenas.*

*5. He de curso manso.*

*6. Corre do sul para o norte, e virando para o poente limita no mar de Setúbal.*

*7. Os peches que nele se crião são tainhas de spisial gosto de que há pescadores em todo o anno.*

*9. As quais pescarias são livres.*

Nesta linha de descrições sobre o Sado, temos o relato de António Gonçalves Toscano, padre da freguesia de São Mamede<sup>38</sup>, da Ordem de Santiago e termo da villa de Alcácer, que em 1758 nos deixou os seguintes elementos que passamos a transcrever (sic):<sup>39</sup>

<sup>36</sup> LEÃO (1610) *Descrição do Reino de Portvgal*, fol. 39-40.

<sup>37</sup> Macedo (2009) *Inquéritos Paroquiais de 1758 no Concelho de Alcácer do Sal: Resposta da Freguesia de Santa Margarida do Sado*. ADPA (prelo)

<sup>38</sup> Actualmente faz parte do concelho de Grândola.

<sup>39</sup> Macedo (2009) *Inquéritos Paroquiais de 1758 no Concelho de Alcácer do Sal: Resposta da Freguesia de São Mamede*. ADPA (prelo)

(As terras da freguesia ficam) "...junta ao Rio Sadam para o qual correm mujtas águas nativas de huma e outra parte, tanto do Nassente como do poente passam os passageiros em hum batel com as suas cavagaduras seu donno he João António da Lansa Parreja da villa do Torram, e junto ao mesmo Batel esta huma quinta mujto notável de abundantes frutos de toda a casta que he do mesmo Donno do batel chama-se a Quinta da Parreja...()...o Rio que junto a esta freguesia esta he o Rio do sadam he de curso muito brando correndo o anno = e pello empedimento das Ribejras podem navegar embarcassois em (?) \*\* o Rio da Villa de Alcácer criasse nelle boas Tainhas que dizem que as do Pego do senhor Sam= Mamede Sam as milhores hade ter de comprido mais de huma legoa, e pescam nelle pescadores todo o anno em bateis pequenos....()... tem hum pisam a que chamão Sadão Mamede por estar junto..."(do rio)



Deve-se a Pedro Afonso Pires de Barros, que num acto de modéstia se auto intitula de "indigno" Pároco da freguesia de São Romão do Sado, a descrição mais detalhada do Médio Sado, concluída a 23 de Maio de 1758.

Começa a sua resposta ao Inquérito Paroquial por dizer (sic):<sup>40</sup>

" 1. Acha-se a Parochia desta freguesia de São Romam do Rio Sadam de que sou indigno Parocho cita no termo da villa de Alcasser do Sal..."

"A respeito do que se procura saber dos Rios se me oferece dizer o seguinte:

1. O rio que discorre pelo prolongo desta freguesia se chama o Rio Sadam, e não lhe não pondo averiguação a sua origem com total serteza, e assim não sei o cithio onde elle nasce.

<sup>40</sup> Macedo (2009) INQUÉRITOS PAROQUIAIS DE 1758 NO CONCELHO DE ALCÁCER DO SAL: Resposta da Freguesia de São Romão do Sado. ADPA (prelo)



2. *Commo me nam consta o nascimento do dito Rio, nam posso dizer se principia logo se nam caudaloso, sei sim he certo que nos limites desta freguesia corre nele todo ano bastante agoa.*

3. *Nos limites desta freguesia entram duas Ribeyras ou Rios pequenos, que deverão se (?) no Rio Sadão; huma chamada a Ribeyra da Encharrama, que entra no Rio Sadam entre huma Erdade chamada a Enchurraminha e outra Erdade chamada a quinta de Dom Rodrigo e a outra Ribeyra ou Rio pequeno chamado de Algale, que entra no dito Rio Sadão entre a Erdade dos frades do Espinheiro de Évora e a Erdade das Parchanas.*

4. *Nos lemites desta freguesia se faz navegável o Rio Sadão desde a Erdade da Curageira athe a Erdade das Parchanas, e chegam ao Porto de Sam Bento e ao Porto de rey a levar e trazer trigos toda a casta de embarcações, que ali costumam ver de Alcasser, Setúbal e Lisboa, excepto Patachos, e navios de mayor grandeza.*

5. *Em toda esta freguesia, pella qual discorre o Rio Sa-/dam são as suas correntes quietas, e não arrebatadas.*

6. *Entra o Rio Sadão nesta freguesia entre Erdades da quinta do Conigo, e da vargem Rezenda, e vai discorrendo por ella do sul para o norte athe a quinta de Dom Rodrigo aonde faz volta e vai discorrendo de nascente para o poente athe a Erdade da Curageira, e do Rio de arcos aonde termina o ultimo lemite desta freguezia.*

7. *Criam-se no Rio Sadam, e nos lemites desta freguezia muitos pardelhos, Bagos, Bordalos, picoens, sarmois, disrolos, e vêem por arriba Serra alta muitas Tainhas, ou falossos, Robalos, savens, sabugos, e algumas lampreas, e não he fácil dizer se o peixe de que he mais abundante, porque de todos os referidos em suas temporadas, e em todo o ano tem abundância.*

8. *Nos limites desta freguezia tem o Rio Sado mosquitos correntes, e pagos, nestes quando nam vai cheyo se pesca em todo o Rio se pesca em todo o anno com redes, e nas suas correntes se fazem humas armadilhas chamadas caneyros, nos quais se apanha alguns peixes no Outono, Inverno e primavera quando o Rio corre dentro dos lemites da sua madre.*

9. *Todas as pescarias, que se fazem no Rio Sadam, e nos lemites desta freguezia sam livres as que se fazem com as redes, ficando o pouco peixe que nelas se costumam meter mais pelo regalo e recreação do que por negocio para as pessoas de fora ou desta freguezia para quem os faz, e o peixe que se apanha naquellas armadilhas chamadas caneyros cada inutilidade dos (?), que os mandam fazer, que costumam ser os rendeyros das Erdades, que confinam com as correntes do dito Rio, de que so se utilizam para regalo e paragem das suas cazas. E não há nos lemites desta freguezia mais que tam somente hum pego vedado que pertence a Afonso Eloy Guerreiro de Aboim morador na villa de Aljuster Mestre de Campo do terso auxiliar da Commarca do campo de Ourique e fidalgo da caza de V<sup>a</sup> Magestade no qual pego só (?) quem lhe o permite podem, e costumam pescar com redes, cujo pego fica dentro dos lemites da quinta e Erdade de São (?) de que o dito Mestre de Campo he possuidor e não só he vedado o dito pego pella posse irrimemniavel e da mais de cem annos desta parte, senão pellos títulos da mesma Erdade e quinta de Sam claros, dos quais se vem ser vendida a dita quinta e Erdade com o seu pego a mais de sem anos.*

10. *As margens do Rio sadam se costumam nos lemites desta freguezia cultivar e semear todos os annos, semeando-/se de trigos, milhos e legumes; e há nas margens do dito Rio poucas arvores que dam fruto, e silvestres.*

11. *Nam consta que a agoa do Rio Sadam tenha nenhuma particular virtude.*

12. *Nos lemites desta freguezia me nam consta tivesse o Rio Sadam outro nome, se nam o próprio com que ainda he denominado.*

13. *Morre o Rio Sadam no mar, aonde entra na Barra de Setúbal.*

14. Nam há nos lemites desta freguezia cachoeyra, Repreza, Levada, ou açude, que embarcem a navegação do Rio Sadam a ser navegável athe donde o he e o pode ser.

15. Nam há nos lemites desta freguezia pontes de cantaria, ou de pão que abrassem o Rio Sadam, que por elle discorre.

16. Nam há no Rio Sadam dentro dos lemites desta freguezia lagares de azeite, pisoens, noras ou outro algum engenho.

17. Nam me consta que em nenhum tempo nem no presente se tirasse ou se tira ouro das áreas do Rio Sadam nos lemites desta freguezia.

18. Nos lemites desta freguezia se nam utilizam os moradores della, nem podem utilizarse das agoas do Rio Sadam para a cultura das terras.

19. (?) não me consta a verdadeyra origem do Rio Sadam, esta a razam porque nam sei dizer das lagoas que há de della. He donde acaba: sei sem que desta freguezia para baixo passa pella villa de Alcasser do Sal, e pela villa de Setúbal aonde no mar finaliza, como fica expressado.

20. Nam me consta de outra nenhuma cousa notável que haja no dito Rio Sadam, de que eu deva falar especial narrativa neste papel que dezegei formar com as mais exprecivas noticias, que pude haver dentro nos (?), que na Real presença de V<sup>a</sup> Magestade que Deus guarde muitos annos. Sam Romam do Rio Sadam, e de Maio 23 de 1758.

*O Parocho Pedro Afonso Pires de Barros”.*



A intensa actividade pesqueira efectuada no Sado era um facto conhecido no reino de Portugal.

---

É nestes moldes que se expressava João Baptista de Castro em 1762, quando descrevia as potencialidades económicas da província do Alentejo (sic): <sup>41</sup>

" 4. Além dos trigos he abundante de boas frutas, azeite, vinho, mel, cera, lãs, caças, gados, excellentes queijos, finos mármoreos, affamados, e cheirosos barros, de sorte que esta Província não necessita de couusa alguma, que em si não tenha com abundância: até peixe colhe abundantemente da ribeira do Sado, que entra no rio de Alcacere, ..."

Este cronista menciona alguns afluentes de um curso de água que reconhece como muito importante, ao qual lhe atribui várias designações toponímicas, nomeadamente; "ribeira do Sado, rio Sadão, rio Sado e rio de S. Romão", antes de este chegar a Alcácer, onde novamente muda de nome, recebendo a designação de rio de Alcacere. Entre as curiosidades que cita, menciona o enigmático "Garcia menino" (sic): <sup>42</sup>

" 135 Garcia menino. He hum celebre pego, cujas aguas enriquecem o rio Sadaõ, e onde se acha em todo o anno muito peixe, especialmente as nomeadas tainhas de boca vermelha.

Em relação ao curso principal do Sado até Porto do Rey, transcrevemos o seguinte (sic): <sup>43</sup>

"221. S. Romão. Nasce na Freguezia de S. Martinho das Amoreiras, termo de Ourique. Corre pelas Villas de Alvalade, Garvaõ, e termo de Panoyas, até desaguar no porto delRey, termo da Villa de Alcácer do Sal."

Sobre outro afluente do rio Sado, a ribeira de Odivelas, escreveu o seguinte (sic):<sup>44</sup>

"190. Odivelas. Nasce na serra de Portel, e vay regar a Villa de Alvito. Tem duas pontes, huma da banda do Sul no caminho que faz o correio desta Villa para Beja, donde dista cinco léguas: outra em Villa Ruiva na estrada por onde se vay desta Villa para Évora: esta ponte foy fabrica dos Romanos, por ser transito da via militar de Évora para Beja. **Para diante da aldeia de Alfundaõ separa o termo de Beja do Torraõ** <sup>45</sup>, e incorporado com a ribeira do Marcabron, vay morrer ao Sado.

Apesar dos elementos expostos que parecem sugerir que o cronista não tem elementos seguros para isolar o curso principal do rio Sado na sua bacia hidrográfica, quando chegamos ao ponto 224, referente às palavras Sadão e Sado, cujo conteúdo iremos transcrever, efectua um apanhado sobre este curso de água, que lhe permite rectificar perante o leitor, alguns pontos menos claros anteriormente expostos (sic): <sup>46</sup>

" 224. Sadaõ, ou Sado. O nascimento deste rio foy ignorado por Duarte Nunes na Descripção de Portugal; porém Joaõ Salgado de araujo diz, que nasce nas laldas da serra de Monchique junto à Villa de Almodôvar, e passando por Ourique, recebe as ribeiras de Aivados, Gracido, Ferrarias, Campilhas, Figueira, Roxo, e Garcia menino,

---

<sup>41</sup> CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 74.

<sup>42</sup> Ibidem, (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 123.

<sup>43</sup> Ibidem (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Tomo Primeiro, fol. 137.

<sup>44</sup> Ibidem, (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Tomo Primeiro, fol. 134

<sup>45</sup> O sublinhado é nosso.

<sup>46</sup> Ibidem, CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 138-139.

*onde faz hum grande lago, e mais para diante outro, que chamaõ de Santa Margarida<sup>47</sup>, até que copioso vay acabar em setúbal. André de Resende ignorando-lhe também o principio, e dando-lhe o nome de Callipode, que o tirou de Ptolomeu, diz que depois de se ajuntarem as torrentes do enxarrama, Santa Detença, e Odivellas acima de Porto de Rey, he que se começa a chamar Sado; nome que usurpa pela demora que faz no esteiro de Alcacere, antigamente Salacia, e por não viver muito tempo soberbo, e desvanecido com tanto roubo, morre dahi a pouco em setúbal, formando-lhe huma grande foz, e bahia. He navegável este rio por doze léguas até Porto de Rey; e as terras por onde passa, adornadas de muitas fontes, e arvoredos, ficaõ férteis, e cheias de nata<sup>48</sup> para corresponderem abundantemente na breve producção dos seus frutos.*



Arrozais junto a São Romão do Sado

Em relação a fontes que sejam dignas de referência (sic): <sup>49</sup>

<sup>47</sup> Freguesia do Termo do Torrão neste ano de 1762, altura da publicação deste relato.

<sup>48</sup> Referência às cheias cíclicas do rio Sado.

<sup>49</sup> Ibidem, CASTRO (1762) **Mappa de Portugal Antigo e Moderno**. Tomo Primeiro, fol. 149.

---

"5. Alcácer do Sal. Na herdade das Parxanas, distante duas grandes léguas da Villa, existe huma fonte, cuja agua he buscada de muitas léguas para remédio contra o mal da pedra; e tem as mesmas virtudes da que há na Villa de Almada "

Um pouco mais à frente refere que: (sic)<sup>50</sup>

" Também na freguezia de S. Mamede, termo de Alcácer do Sal, donde dista quatro léguas, está da parte do Poente hum grande olho de agua, que corre para o rio Sado, o qual sorve tudo quanto lhe lançaõ dentro: chamaõ-lhe a Anceira.

Também os Javalis de Alcácer tinham bastante fama, figurando ao lado dos da Tapada, Pinheiro, serras de Portel, Vascão e Grândola.<sup>51</sup>

Em relação às aves, eram afamadas as *Rolas*, os *Adens de Alcácer* e os *Galeirões dos Paus de Palma*.<sup>52</sup>

No fólio seguinte, menciona as famosas Azeitonas e os Pinhões do Alentejo, assim como os Medronhos, os Murtinhos, as Camarinhas e as Amoras de Silva "..., que a natureza como fruttos agrestes produz nos matos, e nas charnecas: a que se podem ajuntar as chamadas Tuberas da terra, de que a Beja se vaõ vender aos alqueires, e saõ especial prato, ou feitas à semelhança de coelho, ou à imitação de favas".

Anos mais tarde, no século XIX, Andrade Corvo, quando analisa a bacia Hidrográfica do Médio Sado expressa o seguinte, citando outros autores (sic):<sup>53</sup>

"O Sado, diz o engenheiro geographo Miranda Pego, nas cheias sae muito do seu leito, deixando depois algumas aguas estagnadas, por não poderem recolher ao leito do rio, não tendo vallas de esgoto para esse fim; o que torna muito doentias todas as povoações chamadas da ribeira de Sadão, que são: Santa-Margarida-do-Sadão, S. Mamede, S.-Romão-do-Sadão, Porto-de-el-Rei, Valle-de-Guizo e a própria villa de Alcácer, levando a sua influencia mórbida ainda a povoações mais distantes. Este rio pode dizer-se que tem arborização, não tem nas suas margens vallas para receber as aguas que deita fora nas cheias; julgo pois que este rio merece muito estudo e attenção...".

É já em pleno século XX, com as obras de regularização do curso do rio, pela construção de barragens e canais de rega que chegamos à actual configuração da sua bacia hidrográfica.

Neste início do século XXI, com a implementação dos blocos de rega da barragem do Alqueva, que nalguns troços irão fazer a ligação à bacia do rio Sado através do rio Xarrama junto ao Torrão, assiste-se de novo a alterações que marcarão de futuro a sua história hidrológica e condicionarão as pressões antrópicas neste território, cujos impactos são previsíveis.

---

<sup>50</sup>Ibidem, CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 151.

<sup>51</sup>Ibidem, CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 164.

<sup>52</sup>Ibidem, CASTRO (1762) *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Tomo Primeiro, fol. 164.

<sup>53</sup>CORVO (1868) *RELATÓRIO ACERCA DA ARBORISAÇÃO DO PAIZ*, p. 77.



Fundos do Museu Municipal Pedro Nunes, Alcácer do Sal.

## Capítulo 2.

### O Povoamento do Território - Das Origens até à Conquista Romana: *Uma Introdução Diacrónica*

*“27. Dizem os moradores desta terra, que foi fundada antes da vinda de Christo duzentos corenta annos. Si ita est, nascio. E prevertam o texto, que dis in principio creavi Deus Colum, e Terram; id est Torram: e dizem, que a vila era a sua mayor grandeza junto à Ermida de Sam Roque advogado da peste, por se acharem ally muitos alicerces.”*

*Padre Francisco Carneiro e Abreu, Junho 29 de 1758.*

#### 1. Introdução

Segundo o fragmento de crónica supra transcrita, que faz parte da resposta da freguesia de Torrão ao inquérito régio que costumamos denominar de “*Memórias Paroquiais de 1758*”; ficamos a saber que a população local cultivava a tradição de a povoação ser muito antiga, por ter sido fundada antes do nascimento de Cristo e de se localizar primitivamente mais a sul, junto à ermida de S. Roque, devido aos achados de várias estruturas antigas.

Apesar desta consciência sobre a longa diacronia, a produção historiográfica nunca conseguiu produzir uma síntese que efectuasse a ponte entre a arqueologia e a história.

De facto, temos assistindo desde meados do século XX a uma linha de investigação arqueológica que se tem concentrado essencialmente nos seguintes campos de investigação:

- *Estudo dos Concheiros Mesolíticos do Sado e a problemática do início do Neolítico Antigo em Portugal – Continuidade ou Colonização?*
- *Pesquisas no Monte da Tumba e a sua inserção no denominado Calcolítico do Sudoeste.*
- *Por fim, a análise da presença Romana na freguesia.*

Se no âmbito arqueológico o corpo de estudos permite uma abordagem estimulante à realidade local, no campo da Historiografia Pós-Romana, o panorama actual continua muito desmoralizante.

Ao contrário da vizinha Alcácer do Sal, no qual já existem alguns trabalhos monográficos dedicados à Presença Islâmica, Período Medieval Cristão e Moderno<sup>54</sup>, a Historiografia do Torrão continua a sentir a necessidade de abordagens similares.

Temos verificado que pelo menos desde o século XIX, tempo em que Leite de Vasconcelos vinha de diligência até cá em busca de achados pré-históricos e romanos, a História do Torrão tem vivido à sombra do seu filho mais ilustre – Bernardim Ribeiro, associado a vagas referências à Ordem de Santiago.

---

<sup>54</sup> Que será publicado em breve.

O livro de Mário Fagulha e de Vera Telo<sup>55</sup> que resultou na primeira monografia dedicada à freguesia, corresponde a um esforço importante que nos alerta para a necessidade de existirem mais estudos desta natureza.

Mais recentemente tivemos conhecimento de uma análise interessante do Foral Manuelino do Torrão, efectuada por Josélia Bruno.<sup>56</sup>

Pela parte do Gabinete de Arqueologia de Alcácer do Sal, temos vindo desde 2006 a reunir elementos para uma História local. Algumas questões têm sido objecto de análises pontuais que regularmente publicamos em formato de papel ou em versão digital.

Outro passo bastante importante e que está na origem do presente livro ocorreu em 2008, com o lançamento em formato digital de dois estudos sobre o Torrão.

Nele é analisado pela primeira vez a questão da presença islâmica na vila e ensaiando-se novas propostas de interpretação sobre a presença romana nesta região.

## 2. O Território em contexto Pré-Romano:

### 2.1. Nota Preliminar.

Apesar de admitirmos uma presença humana na região do Torrão desde o Paleolítico, em termos documentais arqueológicos, ela só emerge da neblina da História de uma forma inesperada em contexto Mesolítico, em meados do VI Milénio antes de Cristo.

Depois mergulha num silêncio de séculos, emergindo novamente por volta do II milénio antes de Cristo.

Fazer um levantamento destas presenças e ausências, com expressões em milénios e séculos, fogem dos objectivos propostos desta obra<sup>57</sup>, por isso a nossa abordagem será efectuada num esforço de síntese, mais vocacionada para a comunidade escolar, privilegiando a análise de dois campos emblemáticos da arqueologia torranense e mundialmente conhecidos:

*- Os Concheiros Mesolíticos e o Monte da Tumba.*

### 2.2. O Vale do Sado entre o VI Milénio e o V Milénio antes de Cristo

Segundo alguns investigadores<sup>58</sup>, no decurso do Holocénico Médio (entre 7600 e 5500 BP), o nível do mar terá subido gradualmente, estabilizando-se por volta de 5000 BP, alcançando o nível actual.

Silva e Soares, propõe dois cenários diferenciados para o Alentejo Litoral e o Vale do Sado, com base nas diferentes aptidões de recursos obtidos nos dois diferentes biótipos.<sup>59</sup>

<sup>55</sup> FAGULHA e TELO (2001) HISTORIAL RECOLHAS E MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE TORRÃO.

<sup>56</sup> BRUNO (2006) O FORAL MANUELINO DA VILA DO TORRÃO: *Análise e Transcrição*. (policopiado)

<sup>57</sup> Mais uma vez frisamos que estamos perante uma primeira abordagem à História e Arqueologia do Torrão e não perante uma Monografia exaustiva sobre este tema, que necessita do contributo especializado de outros colegas.

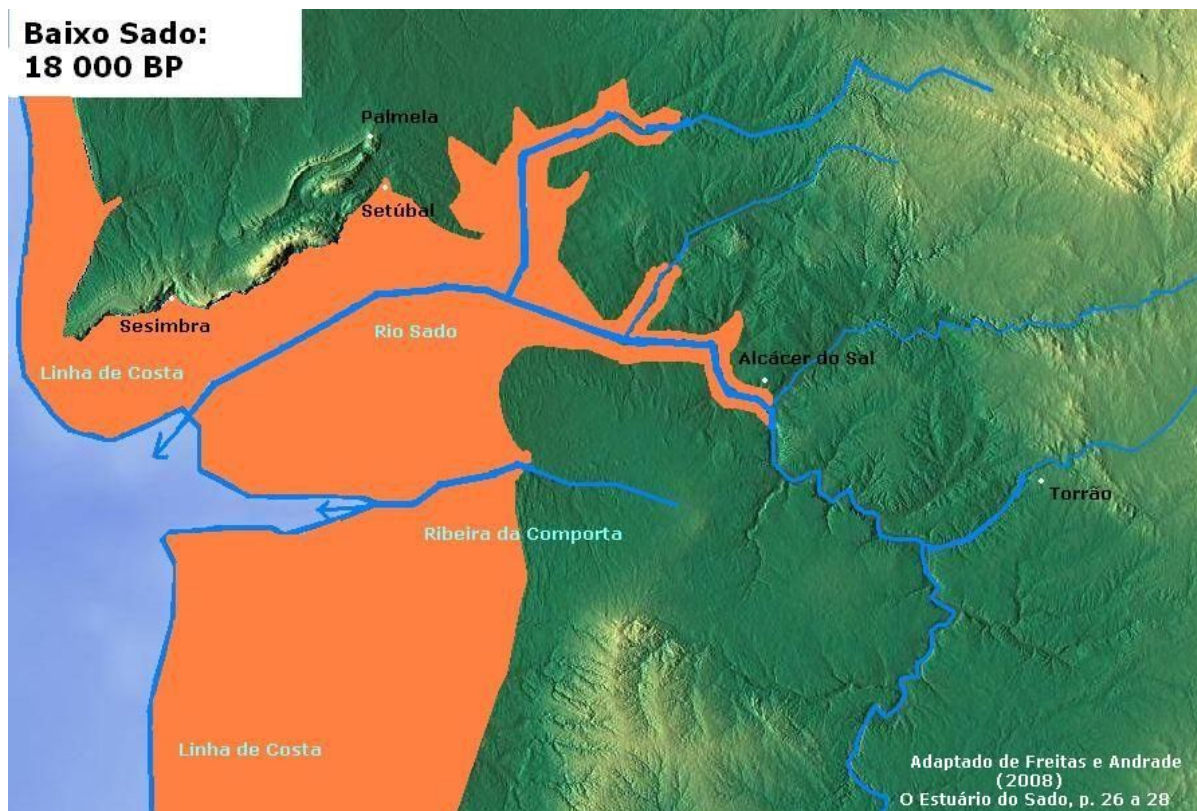
<sup>58</sup> SILVA e SOARES (2006) SETÚBAL E ALENTEJO LITORAL, p. 19-20

<sup>59</sup> Obra citada, p. 22



Segundo os autores, sob a acção da transgressão flandriana, o vale do Sado transformou-se num extenso estuário que se estendia para montante de Alcácer do Sal até Rio de Moinhos.

Terá sido a elevada produtividade biológica que terá permitido manter ao longo de 1 500 anos uma forte acção antrópica sobre estes recursos (entre a segunda metade do VI e o V milénios a. C), que terá dispensado a adesão "precoce" à agricultura e à criação de gado. Contudo Zilhão (1998) aponta outros factores, como teremos ocasião de verificar um pouco mais à frente.



Evolução Paleogeográfica da região envolvente do Torrão.  
Fase anterior à constituição dos primeiros concheiros no vale do Sado.

### 2.2.1. Identificação dos Concheiros do Sado: *Breve Historial das actividades Arqueológicas.*<sup>60</sup>

Os primeiros concheiros foram identificados nos anos 30 por Lerenó Antunes Barradas, engenheiro agrónomo que se encontrava ligado às obras de regularização e aproveitamento do leito do rio Sado.

Não efectuou nenhuma escavação arqueológica, publicando uma breve nota em 1936.<sup>61</sup>

Barradas identificou na altura dois concheiros. Um em Portancho que ocupava uma área de 100 m<sup>2</sup>, localizado num sítio denominado "Barrada das Vieiras" e muito deteriorado devido à actividade agrícola intensa no local. O outro concheiro recebeu

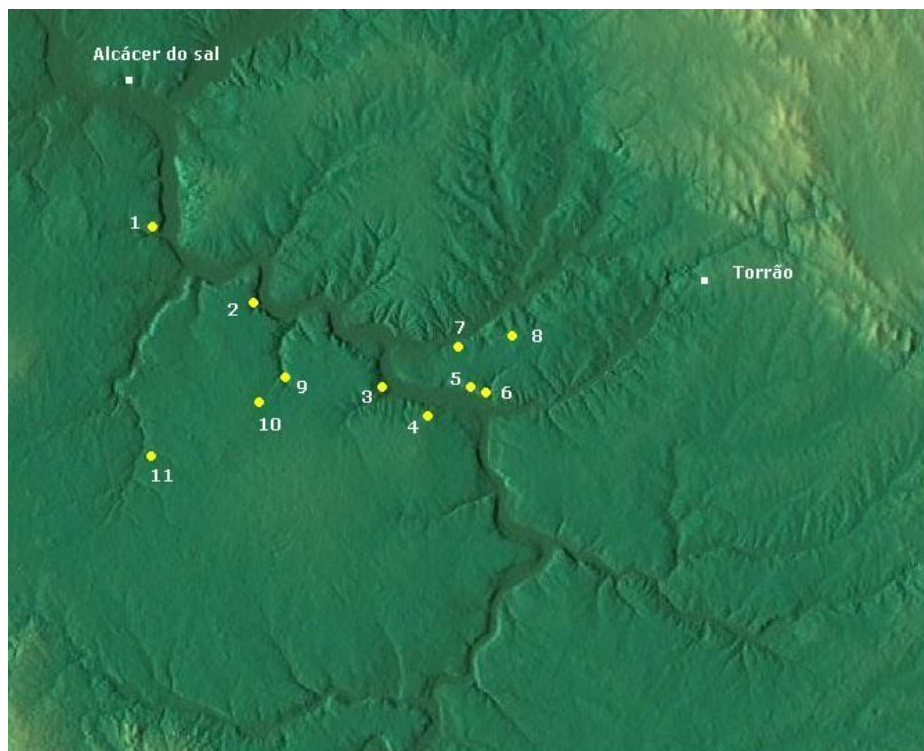
<sup>60</sup> Tendo em conta algumas discrepâncias existentes entre o número de concheiros do Sado e a sua localização geográfica, optamos por seguir de perto os dados compilados por ARNAUD (2000) OS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DO VALE DO SADO E A EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS ESTUARINOS (*nos tempos pré-históricos e na actualidade*), p. 24.

<sup>61</sup> ARNAUD (2000) *ibidem*, p. 24

inicialmente a designação de Quintas de Baixo, mas actualmente é designado por Cabeço do Pez, que corresponde ao maior até agora conhecido no Sado e igualmente o mais intervencionado arqueologicamente em área.

Após 20 anos de desinteresse pela comunidade arqueológica, Manuel Heleno deu início a um vasto programa de prospecções e escavações, entre 1929 e 1966, permitindo deste modo identificar e escavar parcialmente sete outros concheiros.

Estes trabalhos segundo Arnaud, permitiram recolher cerca de 200 000 artefactos, restos faunísticos e mais de uma centena de esqueletos humanos mais ou menos completos.



### Concheiros Mesolíticos do Vale do Sado:

Freguesia de Alcácer do Sal-Santiago:

- 1- Arapouco
- 2- Cabeço do Rebolador
- 11- Barranco da Moura

Freguesia de Torrão:

- 3- Barrada das Vieiras
- 4- Cabeço das Amoreiras
- 5- Vale de Romeiras
- 6- Cabeço do Pez
- 7- Várzia da Mó
- 8- Barrada do Grilo
- 9- Fonte da Mina
- 10- Poças de S. Bento

Adaptado de Arnaud, 2000, p. 22, fig.1

Entre 1967 e 1968, Farinha dos Santos identificou mais dois concheiros (Barranco da Moura e Fonte da Mina, mas não chegou a efectuar escavações arqueológicas nesses locais.

Em relação às investigações mais recentes, estas tiveram início em 1982, quando foi posto em prática um projecto interdisciplinar de investigação entre arqueólogos portugueses e outros colegas, provenientes das universidades de Cambridge (Inglaterra), Lund (Suécia) e Basileia (Suíça).<sup>62</sup>

Desde 1983 e até 1988, Arnaud efectuou sondagens e escavações arqueológicas nos concheiros de Cabeço do Pez, Amoreiras e Poças de S. Bento.

### 2.2.2. Os Concheiros do Sado: Aspectos Gerais.

As datações de radiocarbono obtidas nos concheiros do Sado permitem apontar para uma contemporaneidade entre as ocupações do Tejo e do Sado.

<sup>62</sup> ARNAUD (2000) ibidem, p. 27.

Segundo Arnaud, (ibidem, p. 29), as datações obtidas permitiram verificar que o processo terá tido início em meados do VI milénio e os primórdios do V milénio a. C.

Numa sequência cronológica, poderemos agrupar os concheiros do seguinte modo:

- As datações mais recuadas foram obtidas em Arapouco e Vale de Romeiras. Na fase seguinte, temos as datações obtidas para Poças de S. Bento, Cabeço do Rebolador e Várzea da Mó. As datações mais recentes foram identificadas no Cabeço do Pez e Amoreira.

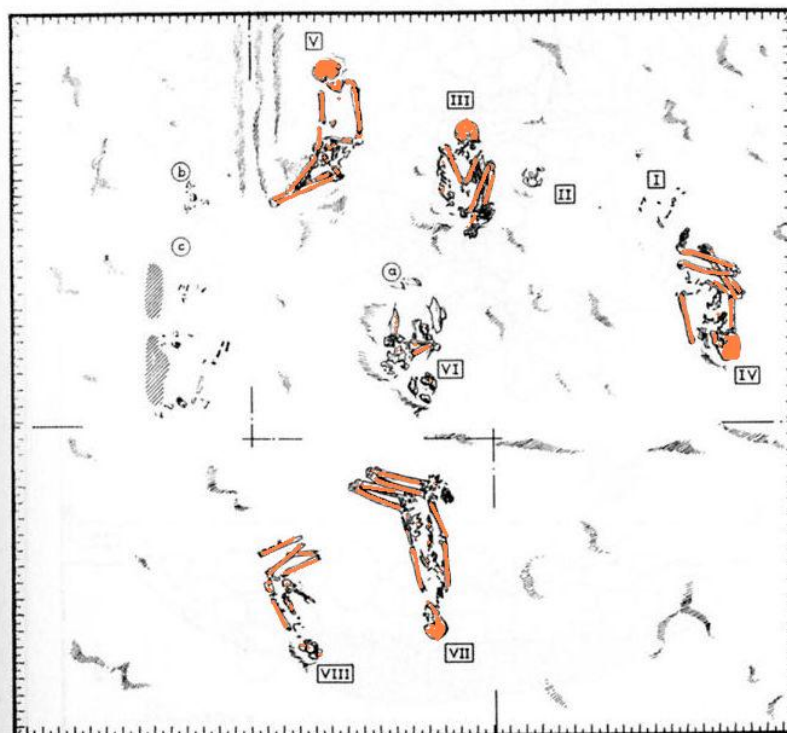


FIG. 8 – Área sepulcral do concheiro do Cabeço das Amoreiras, Alcácer do Sal (M. Farinha dos Santos, 1972).

Quanto aos enterramentos humanos, eles foram identificados em seis dos onze concheiros intervencionados, que deram um total de 114 indivíduos,<sup>63</sup> do qual foi obtido o seguinte quadro.<sup>64</sup>

QUADRO 1			
Sítio	Área (m <sup>2</sup> )	Área escavada (m <sup>2</sup> )	Numero mínimo de indivíduos por local
ARAPOUCO	1174	135	32
AMOREIRAS	1270	55	6
ROMEIRAS	54	54	26
CABEÇO DE PEZ	4000/8000	635	36
POÇAS DE S. BENTO	3570	60	15
VÁRZEA DA MÓ			1
TOTAL			116

<sup>63</sup> Cunha e Umbelino (1995-1997) **ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DAS COMUNIDADES MESOLÍTICAS DOS CONCHEIROS DO SADO**, O Arqueólogo Português, Série IV, 13/15, p. 165.

<sup>64</sup> Cunha e Umbelino (1995-1997) ibidem, p. 166.

A maior parte destes indivíduos "... *estavam deitados de lado, quer sobre o lado esquerdo, quer sobre o direito, quer na característica posição fetal, quer com as pernas semi-estendidas. Em Vale de Romeiras (...), os cerca de 25 esqueletos que foram encontrados, parecem dispostos num semicírculo, sem sobreposições, o que sugere senão uma intenção, pelo menos uma contemporaneidade de enterramento.*"<sup>65</sup>

De acordo com o estudo preliminar efectuado por Cunha e Umbelino<sup>66</sup>, que temos vindo a seguir, em que foram analisados 53 indivíduos provenientes de Arapouco, Cabeço das Amoreiras e Poças de S. Bento, os habitantes destes concheiros seriam semelhantes aos seus contemporâneos de Muge (Concheiros do Tejo).

Para o Sado a estatura média obtida foi de 1, 61 m, enquanto a média de Muge situa-se em 1, 60 m. Os dentes apresentavam um severo desgaste dentário, com bastantes cáries, provável consequência da dieta alimentar resultante do consumo de bivalves assados directamente sobre brasas, que originaria acidentalmente a ingestão de grãos de areia.

Quanto à cultura material, a análise referente a 100 000 artefactos líticos, exumados em décadas de trabalhos arqueológicos está na opinião de Arnaud longe de estar concluída.

Segundo este autor, a matéria-prima utilizada (quartzo esbranquiçado, quartzite e sílex) é caracterizada como "*pobre*", que se traduz na escassa percentagem de utensílios em relação ao total das peças.

A cerâmica só foi identificada no Cabeço do Pez e no concheiro da Amoreira, que forneceram as datações mais tardias, situadas entre 5 000 e 4 750 cal BP, indiciando contactos com populações do Alentejo Litoral já plenamente neolitizadas.

Quanto às dietas alimentares identificadas, estas abrangiam um largo leque, que incluía; mamíferos, moluscos, crustáceos e peixes.

Quanto aos primeiros, foram identificados restos de veados, javalis, raros auroques, coelhos, lebres e cavalos. Os ossos de cão encontrados nos concheiros têm sido considerados como testemunhos da presença como animais domésticos. Algumas cenas de caça do Levante Peninsular documentam a utilização do cão como auxiliar na caça.

Quanto aos moluscos, predominam largamente o berbigão e a lambujinha. No Cabeço do Rebolador a ostra aparece com alguma expressão, sendo rara nos restantes concheiros. Em Arapouco, identificou-se o búzio e o lingueirão.

O caranquejo-verde é a espécie com alguma expressão em Arapouco e Cabeço do Rebolador.

Por fim, no que concerne à fauna piscícola num todo, verificou-se que os seus restos são pouco expressivos. Entre as espécies identificadas, constam as corvinas em Arapouco. Neste concheiro e no Cabeço do Rebolador, assim como nas Poças de S. Bento, encontraram-se dentes de anequim, que corresponde a uma espécie de tubarão que pode atingir um comprimento de 3 a 4 m.

Quanto à restante fauna, assinalou-se a presença de douradas, pargos, choupa e raias.<sup>67</sup>

Em 2005, Chandler, Sykes e Zilhão<sup>68</sup> publicam os seus resultados sobre a comparação genética entre populações do Mesolítico e Neolítico Antigo de Portugal, usando para o efeito amostras de DNA antigo retirado de esqueletos humanos

<sup>65</sup> ARNAUD (2000) *ibidem*, p. 33

<sup>66</sup> Cunha e Umbelino (1995-1997) **Abordagem antropológica das comunidades Mesolíticas dos concheiros do Sado**, O Arqueólogo Português, Série IV, 13/15, p. 161-179.

<sup>67</sup> ARNAUD (2000), *ibidem*, p. 37-38.

<sup>68</sup> CHANDLER, SYKES e ZINHÃO (2005) **Using ancient DNA to examine genetic continuity at the Mesolithic-Neolithic transition in Portugal**, Actas do III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica, Santander, p. 781-786.

exumados nos concheiros do Sado (Arapouco, Vale de Romeiras, Poças de São Bento, Cabeço do Pez e Cabeço das Amoreiras).

Segundo os autores, procurava-se com base na análise genética determinar qual o mecanismo que terá provocado a transição entre o Mesolítico e o Neolítico Antigo no território Português, tendo em conta o debate actualmente existente na comunidade científica. De facto existem duas leituras possíveis. – *Um leque de investigadores defende uma continuidade, enquanto um outro grupo tem defendido uma descontinuidade.*<sup>69</sup>

Segundo Zilhão<sup>70</sup>, as datações radiocarbono mostram que existiu no nosso território um período de 500 anos, em que grupos do Mesolítico e Neolítico Antigo coexistiram entre si.

A análise genética sugere que as primeiras populações de agricultores do Neolítico Antigo Português não vieram directamente do Próximo Oriente.

A análise das distâncias genéticas entre os grupos Mesolítico e Neolítico, mostram claras diferenças entre si.

Sobre a questão de base avançada por Zilhão em 1993 e em 2001, no qual propõe um modelo de neolitização que assenta sobre a existência de enclaves agrícolas formados por grupos de navegadores coloniais ao longo da costa mediterrânica, permanece ainda em discussão.

De facto, apesar de a amostragem ser ainda insuficiente para cristalizar conclusões, existem diferenças genéticas entre as populações do Próximo Oriente e as populações do Neolítico Antigo Português que não permitem suportar directamente este modelo. Face a estes dados, alguns autores sugerem que um grupo mediterrânico, "*ainda por identificar*", terá ele próprio adoptado as inovações da agricultura e terá efectuado a transmissão de conhecimentos ou então, realizado limitadas migrações para áreas da costa portuguesa que poderiam suportar a sua agricultura de subsistência.

Independentemente do modelo explicativo defendido, as diferenças genéticas já apontadas entre as populações Mesolíticas do Sado e as coevas do Neolítico do Litoral Alentejano, indicam que terá havido uma descontinuidade genética, contudo como afirmam os autores<sup>71</sup>, a baixa resolução do mtDNA mostra neste momento que a fonte populacional dos agricultores do neolítico português continua por identificar, existindo dúvidas se eventualmente essa origem será alguma vez descoberta!

### 2.2.3. O Território:

#### *Da Fase de Transição entre o Mesolítico Final/Neolítico Antigo, até ao Neolítico Recente - Aspectos gerais.*

Têm sido defendidos dois modelos para explicar a passagem das comunidades do Mesolítico para o Neolítico:

- *Uns autores defendem a continuidade, enquanto outros apostam numa certa ruptura, sugerindo a chegada à costa portuguesa por via marítima, de pequenos grupos de agricultores provenientes da bacia mediterrânica.*<sup>72</sup>

<sup>69</sup> Ibidem (2005), p. 781.

<sup>70</sup> Ibidem (2005), p. 782

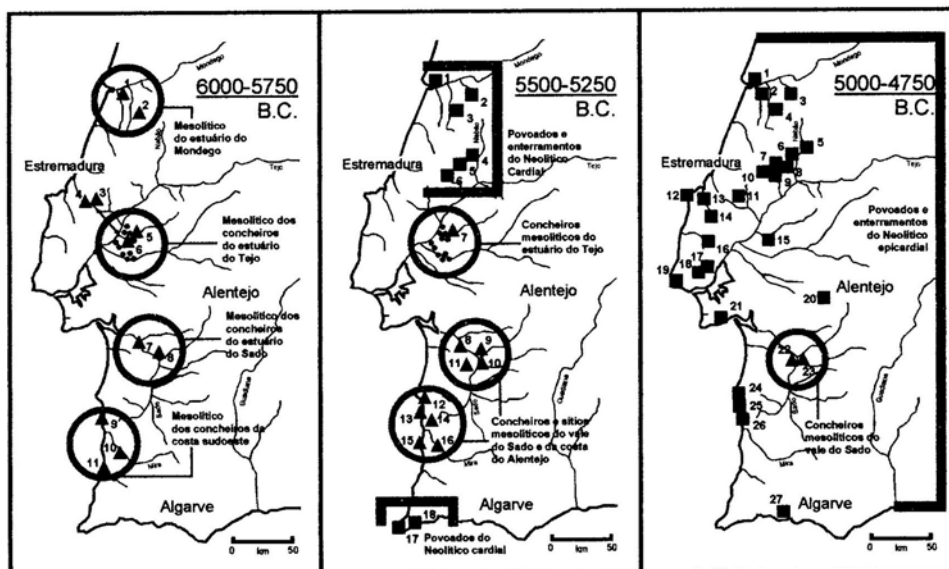
<sup>71</sup> Ibidem (2005), p. 785-786

<sup>72</sup> Não é nosso objectivo efectuar uma análise detalhada sobre esta questão. Para o leitor interessado remetemos para a bibliografia que acompanha este estudo.

O que está em causa é saber, se a introdução da agricultura em Portugal, foi resultado de colonização ou de adopção autóctone!

Como já foi exposto, as datações radiocarbono permitem apontar para 5 séculos de coexistência entre dois grupos diferentes entre si, não só em termos culturais, de exploração de recursos como também a nível genético, que permite de algum modo explicar por que razão o Neolítico Antigo tem escassa expressão na freguesia de Torrão.

Parece-nos importante apresentar neste estudo, o mapa da fig. 3, elaborado por Zilhão em 1998<sup>73</sup> e que em síntese expõe as questões em aberto.



Distribuição geográfica e cultural dos sítios arqueológicos do centro-sul de Portugal por volta de 6000-5750 cal BC (segundo Zilhão, no prelo). 1. Forno da Cal; 2. Buraca Grande; 3. Forno da Telha; 4. Bocas; 5. Cabeço da Arruda; 6. Moita do Sebastião; 7. Arapouco; 8. Vale de Romeiras; 9. Samouqueira I; 10. Fiais; 11. Montes de Baixo. A Buraca Grande é uma gruta e Bocas um abrigo sob rocha; todas as outras jazidas são de ar livre. Os pequenos pontos representam os numerosos concheiros não datados, alguns já destruídos, situados ao longo das ribeiras de Muge e de Magos, cuja acumulação, tal como no caso da Moita do Sebastião, deve ter começado nesta altura, ou pouco antes. O sítio do Forno da Cal, tradicionalmente considerado neolítico, foi descrito pelo seu escavador, A. Santos Rocha, como um denso concheiro com mais de 40 m de extensão. Tudo indica, portanto, que deverá tratar-se de um sítio mesolítico com uma sequência estratigráfica em que a cerâmica epicardial estava contida nos depósitos superficiais, como acontece nalguns concheiros do Tejo e do Sado. É com sítios deste tipo que deverá estar relacionada a exploração mesolítica do estuário do Mondego documentada pela sequência holocénica da Buraca Grande.

Distribuição geográfica e cultural dos sítios arqueológicos do centro-sul de Portugal por volta de 5500-5250 cal BC (segundo Zilhão, no prelo). Só foram representados os contextos cardiais que a estratigrafia ou a datação pelo radiocarbono permitiam colocar com segurança neste intervalo de tempo (não se incluíram achados isolados, como o vaso de Santarém, nem os sítios em que há alguns fragmentos decorados à concha mas que se incluem claramente no mundo epicardial). 1. Várzea do Lúrio e Junqueira; 2. Eira Pedrinha; 3. Buraca Grande; 4. Caldeirão; 5. Pena d'Água; 6. Almonda; 7. Cabeço da Arruda; 8. Cabeço do Rebolador; 9. Várzea da Mó; 10. Cabeço do Pez; 11. Poças de São Bento; 12. Vale Píncel I; 13. Samouqueira I; 14. Vidigal; 15. Medo Tojeiro; 16. Fiais; 17. Cabranosa; 18. Padrão. Os sítios 2-6 são grutas ou abrigos, todos os restantes são de ar livre. Os pequenos pontos representam os concheiros não datados do Tejo, alguns dos quais podem ter sido contemporâneos da ocupação do Cabeço da Arruda. A distribuição mutuamente exclusiva dos sítios do Mesolítico final e do Neolítico cardial e a ausência de povoamento do Mesolítico final nas áreas em que se estabeleceram os primeiros povoados do Neolítico sugere que o aparecimento deste último corresponde a uma intrusão cultural.

Distribuição geográfica e cultural dos sítios arqueológicos do centro-sul de Portugal por volta de 5000-4750 cal BC (segundo Zilhão, no prelo). 1. Várzea do Lúrio e Junqueira; 2. Forno da Cal; 3. Eira Pedrinha; 4. Buraca Grande; 5. Nossa Senhora das Lapas; 6. Caldeirão; 7. Pena d'Água; 8. Picoto; 9. Almonda; 10. Laranjal de Cabeço das Pias e Forno do Terreirinho; 11. Cabeço de Porto Marinho e Bocas; 12. Furninha; 13. Casa da Moura; 14. Lapa do Suão e Gruta das Pulgas; 15. Moita do Sebastião; 16. Cova da Moura; 17. Pedreira de Salemas; 18. Correio-Mor; 19. São Pedro de Canaferrim; 20. Escoural; 21. Lapa do Fumo; 22. Amoreira; 23. Cabeço do Pez; 24. Vale Píncel I; 25. Samouqueira II; 26. Vale Vistosos; 27. Caramujeira. Os sítios 3-9, 12-14, 16, 18 e 20-21 são grutas, Bocas e Pena d'Água são abrigos sob rocha e os restantes são de ar livre. A cerâmica epicardial recolhida nos sítios da área de Sines sugere que a transição para o Neolítico nesta região teve lugar por volta de 5000 cal BC. Os últimos grupos mesolíticos do centro-sul de Portugal terão sido os que persistiram no estuário do Sado até cerca de 4750 cal BC.

<sup>73</sup> ZILHÃO (1998) A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo, Revista Portuguesa de Arqueologia, Vol. 1, p. 41.

A presença do Neolítico Antigo na freguesia de Torrão encontra-se testemunhada nos concheiros Mesolíticos de Cabeço do Pez e no Cabeço das Amoreiras.

Segundo Silva e Soares, (sic) "*Estes grupos humanos teriam adoptado, pelo menos aparentemente, de forma selectiva, alguns elementos do complexo neolítico, como por exemplo, a cerâmica, ...*"<sup>74</sup>

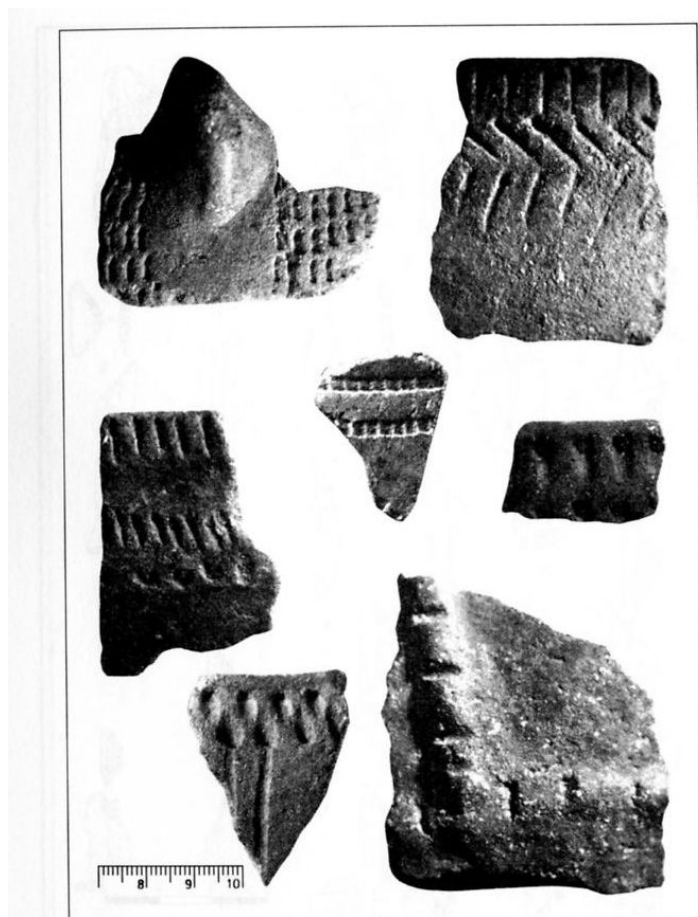


FIG. 7 – Cerâmica com decoração impressa, incisa e plástica dos níveis médios e superiores do concheiro do Cabeço do Pez, Alcácer do Sal (M. Farinha dos Santos, J. Soares e C. Tavares da Silva, 1974).

Para Zilhão, a distribuição geográfica e a cronologia do Neolítico Antigo Português, mostram que a chegada dos primeiros agricultores foi rápida e intrusiva, aparecendo ao mesmo tempo que no resto do mediterrâneo ocidental. Globalmente estaremos em presença de ocupações que formavam enclaves baseados numa economia agrícola e geograficamente separados dos acampamentos das populações de economia caçadora e recolectora que na nossa região se baseavam no Médio Sado.

Ao encontro deste ultimo modelo, será o aparecimento de cerâmicas do Neolítico

Antigo<sup>75</sup> na área urbana de Alcácer e a aparente ausência de concheiros Mesolíticos nesta área do estuário do Sado, enquanto aproximadamente 30 km para montante, na região de São Romão do Sado, os concheiros Mesolíticos do Cabeço do Pez e Cabeço das Amoreiras terão sido ocupados nessa altura.

Será que o abandono de concheiros mais para jusante de São Romão e próximos de Alcácer do Sal, como é o caso de Arapouco, terão sido consequência directa de "*pressão*" de grupos de agricultores de subsistência, exógenas à região, que terão chegado até ao estuário do Sado e área urbana de Alcácer?

Seja como for, começamos a detectar uma diferenciação cultural e genética, entre os grupos populacionais de agricultores que vivem no estuário do Sado até

<sup>74</sup> SILVA e SOARES (2006) *Setúbal e Alentejo Litoral*, p. 23.

<sup>75</sup> Corresponde a alguns fragmentos de cerâmica, descontextualizados, que foram recolhidos nos anos 80 do século passado por João Carlos Faria e que se encontram ainda inéditos nas reservas do museu municipal Pedro Nunes. Uma análise preliminar sugere uma datação do Neolítico Antigo.

Alcácer do Sal e os grupos coevos de caçadores – recolectores que exploram os recursos do Médio Sado junto ao Torrão.

Esta coexistência de cinco séculos na região terão provavelmente deixado marcas na região, cuja expressão continuamos a desconhecer.

## 2.3. O Torrão no III Milénio antes de Cristo

### 2.3.1 Enquadramento

Se algumas inovações do Neolítico Antigo Pleno foram detectados nos concheiros Mesolíticos de Cabeço do Pez e Cabeço das Amoreiras, os testemunhos sequentes do Neolítico Antigo Evolucionado e Protomegalítico<sup>76</sup>, encontram-se aparentemente ausentes na região.

Só perto da fase final deste período, já em pleno contexto Megalítico, temos testemunhos da presença humana na freguesia, desta vez afastada de São Romão do Sado, mas junto à área envolvente da vila do Torrão<sup>77</sup>, preferindo os terrenos do Paleozóico, por onde flui o Xarrama.

O aparecimento na segunda metade do V milénio BP até à segunda metade do IV milénio BP, de estruturas colectivas de enterramento, as antas; - *são indícios que permitem apontar para a existência de relações baseadas no sistema de parentesco e de práticas de ritual funerário colectivo.*<sup>78</sup>

Se o povoado de cumeada do Cerro da Mina, na fronteira com o município de Alvito, ainda é ocupado durante o Neolítico Final; este será abandonado no período seguinte.

Durante o Calcolítico (início da metalurgia do Cobre), dois novos locais vão ser intensamente ocupados:

*- Os Castelos/Vila do Torrão e o Monte da Tumba. Pela primeira vez são construídas estruturas defensivas, o que demonstra o grau de complexidade da sociedade e o início da recolha e guarda de excedentes. Este dado implica a existência de "insegurança" nos espaços envolventes, talvez ligados a fenómenos de "banditismo" e "luta por recursos".*

É provável que se comece a assistir nesta fase à partilha do território entre Clãs, coerente com a fixação de populações no espaço envolvente.

A agricultura é incrementada e as rotas comerciais começam timidamente a marcar a paisagem, começando a fixar redes de partilha e intercâmbio à escala regional.

A área dos "Castelos", onde actualmente se localiza a Igreja matriz do Torrão e o Deposito de Água, corresponde ao espaço emblemático da vila, onde esteve localizado o seu castelo medieval.

Achados de superfície permitem documentar a presença humana neste local, desde meados do Segundo Milénio a. C, contemporâneo da ocupação Calcolítica do Monte da Tumba<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> Usando a terminologia técnica usada por SILVA e Soares (2006) *Setúbal e Alentejo Litoral*, p. 26.

<sup>77</sup> Antas de S. Fraústo e o povoado do Cerro da Mina

<sup>78</sup> SILVA e SOARES 82006) *ibidem*, p. 32.

<sup>79</sup> SILVA e SOARES (1986) *Intervenção arqueológica na vila do Torrão: Ocupação Calcolítica*. Actas I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985), p. 103-114.



Na Fase seguinte, correspondente ao Horizonte Campaniforme, o povoado mantém-se ocupado, enquanto se assiste ao abandono do Monte da Tumba. Aparentemente o arqueossítio terá sido abandonado já em plena Idade do Bronze.<sup>80</sup>

Por falta de dados arqueológicos, quase nada sabemos do que terá acontecido nesta região desde o final do II Milénio a. C até à conquista romana em meados dos séculos II/I a. C.

Contudo aceitamos uma permanência humana neste vasto território, porque não tem sentido a seu abandono, tendo em conta os vastos recursos que podia oferecer às populações e passíveis de serem explorados.

### 2.3.2 O Monte da Tumba

O povoado calcolítico do Monte da Tumba foi identificado nos inícios de Março de 1982, por Fernando Gomes<sup>81</sup>, a quando da construção de uma vivenda sobre o local.



Adaptado de Silva e Soares (1987), p. 34, fig. 4 e respectiva legenda.

1. -Fase A de construção (fase 1 de ocupação); 2-Fase B de construção (fase 1b de ocupação); 3-Fase C de construção (fase 1 de ocupação); 4-Fase D de construção (fase III de ocupação); 5-Fase de construção indeterminada.

<sup>80</sup> Obra Citada, p. 106.

<sup>81</sup> Na época, era o responsável pelo Museu Pedro Nunes.

O povoado ocupa uma área de 2 500 a 3 000 m<sup>2</sup><sup>82</sup>.

A construção desse imóvel, levou á destruição de níveis arqueológicos e motivou a necessidade urgente de uma intervenção no arqueosítio, que ficou a cargo de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Esses trabalhos tiveram início pouco depois e prolongaram-se por cinco campanhas até 1986, contando com o apoio do Município de Alcácer do Sal, Junta de Freguesia de Torrão, IPPC e Fundação Calouste Gulbenkian.<sup>83</sup>

Segundo os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos, foram identificadas 3 grandes fases de ocupação.

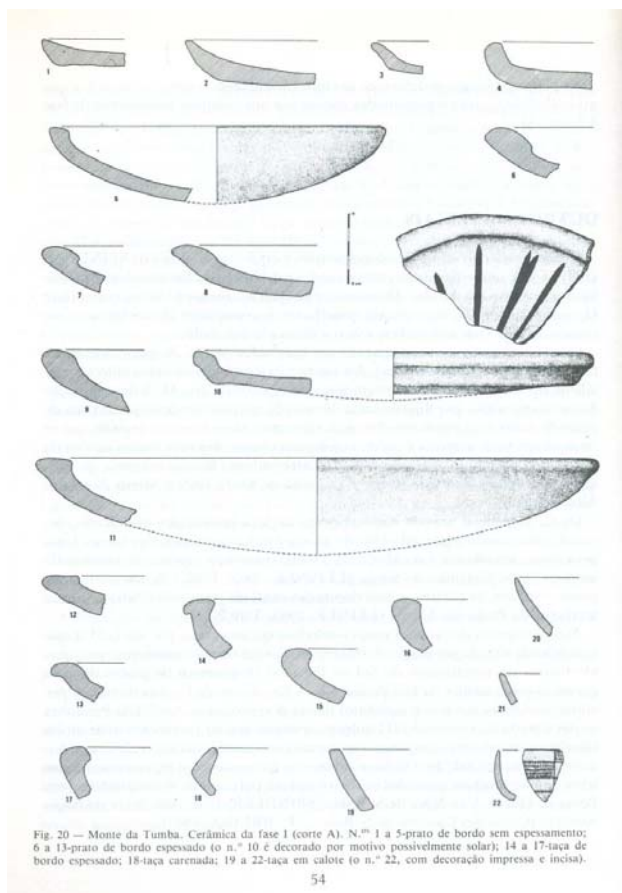


Fig. 20 — Monte da Tumba. Cerâmica da fase I (corte A). N.º 1 a 5-prato de bordo sem espessamento; 6 a 13-prato de bordo espessado (o n.º 10 é decorado por motivo possivelmente solar); 14 a 17-taça de bordo espessado; 18-taça carenada; 19 a 22-taça em calote (o n.º 22, com decoração impressa e incisa).

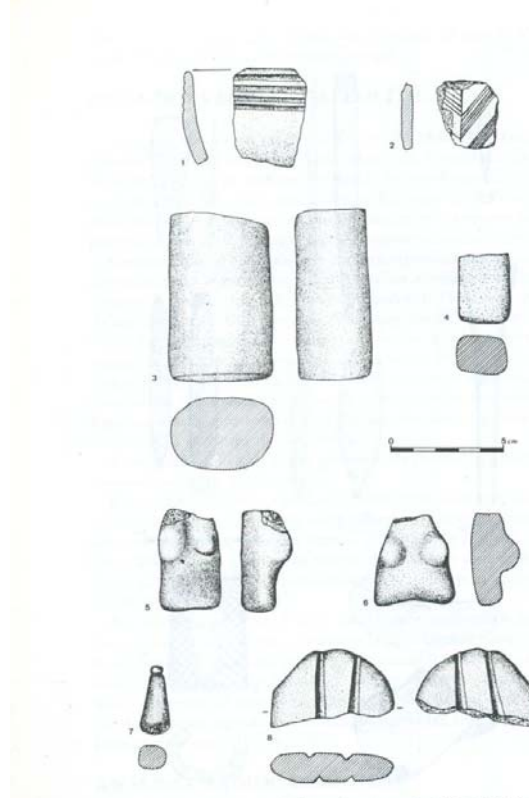


Fig. 28 — Monte da Tumba. Objectos possivelmente de carácter ritual. Os n.º 5 e 6 são de cerâmica e os restantes, de pedra.

Gravuras, nesta página e na seguinte, foram retiradas de Silva e Soares (1986).

Chamamos a particular atenção para a Fig. Nº 28 (peças em cerâmica nº 5 e 6) que parecem sugerir a representação de seios femininos. Provavelmente estaremos em presença das mais antigas representações femininas neste território do Baixo Sado/Xarrama.

Para um adequado enquadramento do local e pela importância que já conquistou na "Memória Colectiva" do Torrão, dado que por vezes não é fácil o acesso a alguma bibliografia especializada, parece-nos oportuno transcrever a síntese que os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos arqueológicos supra referidos, efectuaram recentemente em 2006 (sic):<sup>84</sup>

" O estudo de potentes sequências estratigráficas, em alguns casos com 6 metros de espessura, e a escavação em extensão (cerca de 750 m<sup>2</sup>) que abarcou a maior parte da fortificação central, permitiram identificar três grandes fases de

<sup>82</sup> SILVA e SOARES (2006) Setúbal e Alentejo Litoral, p. 156.

<sup>83</sup> SILVA e SOARES (1987) O POVOADO FORTIFICADO DO MONTE DA TUMBA: I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares), p. 32, nota 1.

<sup>84</sup> SILVA e SOARES (2006) SETUBAL E O ALENTEJO LITORAL, p. 156-157.

ocupação. Durante a Fase I, que deverá ter tido início no final do IV milénio ou princípio do III milénio BC e ter terminado ainda na primeira metade do III milénio (Soares e Cabral, 1987) foi construída uma muralha com 1,2 a 1,5 metros de espessura, com blocos de rocha ígnea ligados por argila, sendo a parte superior provavelmente formada por adobes; provida de bastiões semicirculares (7 metros de diâmetro externo), defendia recinto central com cerca de 30x25 m. De acordo com E. Badal (1987), a paisagem vegetal calcolítica do Monte da Tumba, mormente a da Fase I, "estaria dominada por bosque de *Quercus* de folha perene e pinheiros, com estrato arbustivo de *Phillyrea*, medronheiros e rosáceas. Nos espaços abertos do bosque desenvolver-se-ia mato de roselhas, zambujeiros, leguminosas, etc., certamente favorecido pela acção antrópica". Os restos faunísticos do início desta fase caracterizam-se por elevada percentagem (cerca de 90%) de fauna selvagem composta sobretudo por auroque (*Bos primigenius*), javali (*Sus scopa*) e cervo (*Cervus elaphus*). No decurso da mesma fase, este panorama muda radicalmente: passam a predominar os animais domésticos – porco, ovelha/cabras, bois (Antunes, 1987).

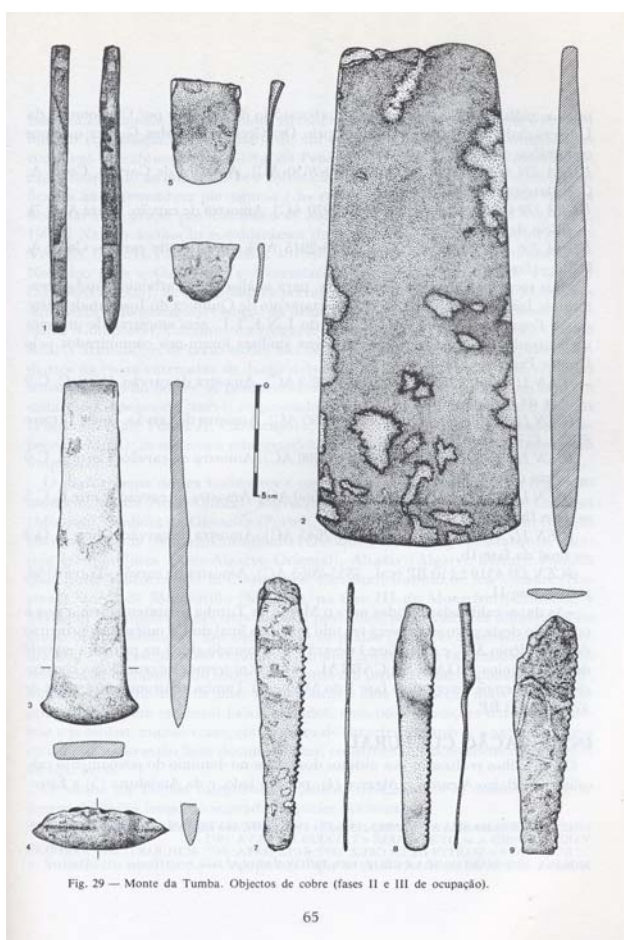


Fig. 29 — Monte da Tumba. Objectos de cobre (fases II e III de ocupação).

A utensilagem lítica e cerâmica da Fase I é caracterizada pela presença de pontas de flecha de base côncava ou rectilínea, abundância de pratos de bordo "almendrado" e de crescentes em cerâmica. A cerâmica decorada é muito rara (decoração simbólica – motivos solares, por exemplo). Verifica-se a sobrevivência de formas cerâmicas típicas do Neolítico final. Ausência de metal.

O final da Fase I é marcado pela destruição de grande parte da referida muralha.

A Fase II corresponde à construção de novo pano de muralhas que circundam recinto oval, sensivelmente com área da Fase I, e igualmente provido de bastiões semi-circulares, mas de menores dimensões (3,5 a 4,5 m de diâmetro), a que se acrescentam torres circulares. Os materiais utilizados são diferentes dos da primeira fase: recorre-se agora a conglomerados provenientes do substrato geológico do Monte da

Tumba. O conjunto artefactual revela indiscutível continuidade cultural com o da fase anterior, embora surjam pela primeira vez peças em cobre.

Durante a Fase III é construída, sobre os derrubes da Fase II, e no centro da elevação, uma grande torre subcircular (cerca de 12 metros de diâmetro). O espólio integra-se no mesmo mundo da cultura material das fases precedentes, mas assiste-se ao aparecimento de cerâmica campaniforme pontilhada.

## Capítulo 3. A Presença Romana

(Sobre a Via Romana *Salacia a Ossonoba*) Poderia arrancar da estrada de *Salacia a Ebora*, por alturas do Torrão, e descer por Odivelas, Ferreira do Alentejo, passando por Aljustrel e Messejana.

João Carlos Faria, (2002) Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos, p. 72-73.

### 1. Antes da Conquista:

#### *Algumas Questões em Aberto sobre o II e o I Milénio a. C no Torrão*

Com base nos dados actualmente conhecidos, os diversos indicadores parecem apontar para que no decurso do II e o I Milénio antes de Cristo, o território do Torrão ter-se-á despovoado, facto que achamos anómalo, dado que os recursos aí existentes, sejam eles de génese biótica ou de matriz geológica, facilmente serviriam de suporte consistente à pressão antrópica sequente até à conquista romana.

Este facto, o aparente abandono do território, entra em contradição com o que tínhamos observado ulteriormente no decurso do III milénios a. C.



De facto, a presença de recintos funerários megalíticos na freguesia, testemunhados pela anta de S. Fausto, construídas no Neolítico Final, assim como o povoado coevo de cumeadas do Cerro da Mina e o início da ocupação dos povoados calcólicos fortificados de Monte da Tumba e dos Castelos do Torrão, são indicadores

seguros das potencialidades económicas desta região, que durante séculos permitiram suportar e alimentar comunidades humanas que terão chegado até ao Horizonte Campaniforme (segunda metade do III milénio e inícios do II milénio A. C).

Por que razão parece assistir-se ao abandono da região no decurso do Horizonte Campaniforme?



Será que estamos perante um esgotamento dos recursos renováveis do território do Xarrama; ou será que é antes o resultado de um défice de prospecção arqueológica na freguesia?

Admitimos que sim, em relação à última hipótese.

Aspecto actual (2009) do recinto fortificado Calcolítico do Monte da Tumba.

Insistimos novamente, que entre o abandono de Monte da Tumba/"Castelos" do Torrão, no decurso do início do II milénio a. C e o início documentado das primeiras explorações agrícolas romanas na freguesia, provavelmente na passagem do milénio;

terão passado quase dois milénios, em que o silêncio documental parece ser uma realidade incontornável!

Facto temporal que nos parece excessivamente vasto e incoerente se ele efectivamente traduzir um despovoamento consistente desta região.<sup>85</sup>

Seja como for, estamos reféns dos dados actualmente conhecidos e neste patamar, só nos resta concluir (provisoriamente) que só após a conquista romana do sul de Portugal, é que se começa a assistir novamente à presença humana nesta região, que desta vez se vai espalhar pelo território rural do Baixo Xarrama e pelo Médio Sado.

Em relação à área envolvente da actual vila do Torrão, incluindo ela própria, com base nos dados actuais, admitimos a seguinte leitura preliminar:

*- Inicialmente terá sido uma unidade agrícola em contexto Alto Imperial implantada numa cumeada sobre o rio Xarrama. Anos mais tarde, ter-se-á assistido à implantação de mais unidades agrícolas em ambas as margens do rio e ligadas entre si por uma ponte e via romana. Não sendo propriamente um vicus no sentido clássico do termo, não deixa de exercer um papel de eixo de comunicação viário em contexto romano e de "centro" de estruturação administrativa de âmbito regional, ao nível da actual freguesia.*

Estamos assim em presença de um povoamento rural em ambas as margens do Xarrama, que terá assumido as funções de "mansio/pousada" para apoio da estrada romana que estrategicamente utiliza esta passagem do rio Xarrama, para se direccionar para *Salacia* e Évora.

Em síntese, o padrão que podemos observar ao longo destes milénios sem fim, de um "tempo que custa a passar", onde se insere o "Longo Período Pré-Histórico do Torrão", é a permanência de largos milhares de anos vazios de documentação arqueológica, que nos impedem de avançar um pouco mais!

## 2. A Ocupação do Território em Contexto Romano.

### 2.1. A Historiografia

A primeira abordagem à presença romana na freguesia de Torrão, deve-se a André de Resende, que numa carta a Ambrósio de Morales datado de 1570<sup>86</sup>, deu a conhecer as inscrições romanas existentes nas paredes laterais da ermida de São João dos Azinhais.

Séculos depois, nos finais do século XIX, graças aos trabalhos de prospecção arqueológica, recolha e pesquisa de Joaquim Correia Baptista, responsável na época pelo Museu Municipal de Alcácer do Sal, é que se deu início ao registo da ocupação romana no Médio Sado.

Deve-se a este pioneiro da arqueologia alcacerense, num conjunto de estudos publicados em 1896, no "O Arqueólogo Português", no qual deu as primeiras notícias referentes à presença romana, na:

*- Casa Branca, Porto Carro e a Herdade dos Frades.*

<sup>85</sup> Não é nosso objectivo analisar em detalhe esta problemática. Para um aprofundamento destas questões, deve o leitor consultar a nossa bibliografia.

<sup>86</sup> RESENDE (1593) *ANTIQUITATIBUS LUSITANIAE*, fol. 239.



### Freguesia do Torrão - Período Romano

1-Porto Rei	4-Benagazil; São Romão e Porto Carro	7-Quinta de Cima	10-Passa deiras	13-Alto dos Pintos
2-Portinho	5-Herda de dos Fra des	8-São Fausto	11-Pene do Minhoto	
3 Casa Branca	6-São João dos Azinhais	9 -Calça dinha e Ponte Romana	12-Fonte Santa	

Adaptado de João Carlos Faria (2002). A esta listagem deve juntar-se a ocupação romana inédita de Benagazil, também identificada anos antes pelo mesmo arqueólogo.

Depois tivemos os contributos de Leite de Vasconcelos, Mário Saa e Abel Viana.

José d' Encarnação tem-se dedicado ao estudo dos monumentos epigráficos identificados no território, enquanto Dias Diogo tem concentrado os seus estudos sobre ânforas do Sado e cerâmicas exógenas, de Alcácer para jusante.

O grande salto qualitativo e quantitativo do estudo da romanização do território "Salaciando", foi iniciado na década de 80 do século XX, graças aos trabalhos conjuntos de João Carlos Faria e Marisol Aires Ferreira.

## 2.2. O Espaço

A ausência de mais trabalhos arqueológicos de campo e a publicação de resultados, impedem-nos de traçar com rigor a evolução diacrónica e sincrónica deste sector do Médio Sado durante o período em estudo; no que respeita aos seus ciclos demográficos, económicos, ou no que concerne à definição do traçado das rotas comerciais.

Em termos administrativos, admitíamos até há pouco tempo, que a região do Torrão estivesse incluída no território da *civitas* de *Salacia*.

A descoberta de uma povoação muito importante e possível sede de *civitas* no concelho do Alvito<sup>87</sup>, cujo nome foi gravado numa inscrição romana<sup>88</sup>, obriga-nos a

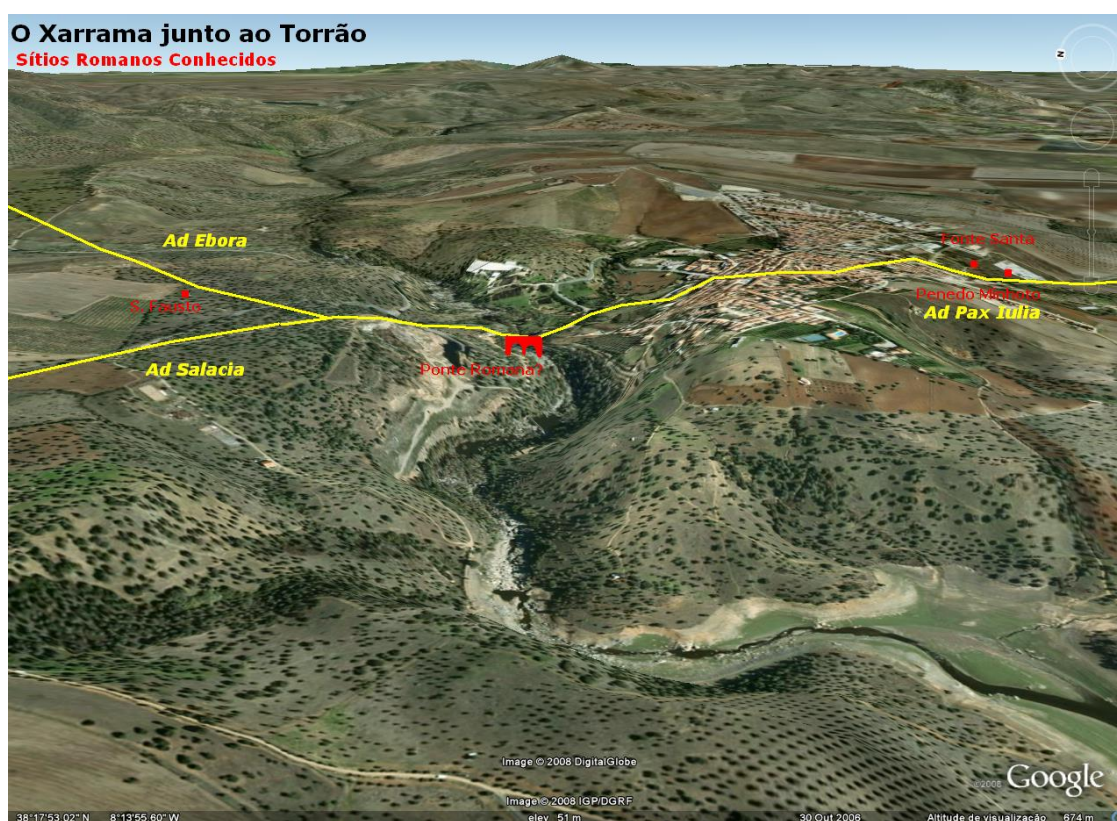
<sup>87</sup> Estudos recentes e informações orais que agradeço, de Jorge Feio, arqueólogo que tem ultimamente desenvolvido trabalhos arqueológicos no concelho do Alvito.

repensar a problemática das fronteiras administrativas das *civitas* do *Conventus Pacensis*; e as alterações que foram sofrendo ao longo da romanização.

Por outro lado, tendo em conta a vizinhança geográfica existente entre as duas vilas, Torrão e Alvito; e pela memória histórica que as ligou ao longo dos séculos, parece-nos coerente equacionar de novo, se o Torrão romano faria parte do território dessa nova *civitas*?

Curiosamente e sem saber da existência desta nova realidade administrativa, João Carlos Faria em 2002<sup>89</sup>, reconhecia em relação a São João dos Azinhais que (sic) "...A ara consagrada por Flavia Rufina, talvez num templo situado no local da capela de S. João dos Azinhais, perto do Torrão, tinha pouco a ver com o ambiente religioso salaciense, pois trata-se do único testemunho do culto de Júpiter Óptimos Máximo, no território do município."

João Carlos Faria<sup>90</sup> sempre defendeu a inclusão do Torrão na *Civitas* de *Salacia*, apesar de não deixar de notar especificidades nesta região que a tornavam nalguns aspectos diferente de *Salacia*/Alcácer. À época e face aos dados disponíveis, não seria possível equacionar outras leituras.



Enquanto não forem exumadas mais fontes documentais e considerando como verdadeira a referida inscrição epigráfica, sugerimos o seguinte quadro evolutivo para o Torrão:

- Inicialmente, após a conquista romana, o território do Torrão, faria parte da *civitas* de *Salacia*. Em data indeterminada, mas provavelmente acompanhando a

<sup>88</sup> Patente ao publico, embutido numa habitação provada junto à igreja de Vila Nova da Baronia. Refere a existência da *Civitas Mirietanorum*.

<sup>89</sup> FARIA (2002) ALCÁCER DO SAL AO TEMPO DOS ROMANOS, p. 55.

<sup>90</sup> Assim como eu próprio.



---

*criação da civitas Mirietanorum, o Torrão poderá ter transitado para o território dessa nova civitas. Será que a datação da ara de Flavia Rufina de São João dos Azinhais é um indicador cronológico que testemunha já o novo enquadramento administrativo do Torrão? Fica a questão em aberto!*

Em que contexto político e em que ano, terão os romanos chegado a esta parcela do Baixo Sado?

Não possuímos de momento dados claros para responder às questões colocadas.

Parece ponto assente que a anexação desta região em contexto "Tardo-Republicano", foi consequência directa da conquista da *Hispania*, após a derrota de Cartago no decurso da "Segunda Guerra Púnica"

O processo terá sido demorado, com vários ciclos, alguns deles desfavoráveis para os romanos.

Continuamos a não saber o tipo de "paisagem" autóctone que as tropas romanas terão encontrado, contudo a sua inserção na *Civitas de Salacia* nesta fase inicial, parece sugerir a existência de afinidades de ordem cultural, étnica e económica, assim como a hipotética acção administrativa ou política de Alcácer no território, no decurso da II Idade do Ferro.

Seja como for, a manutenção e valorização de Alcácer como sede de município romano e a existência de um indispensável porto marítimo e fluvial nesta fase, terão servido de estímulos para que o território rural envolvente e ao longo do Sado, fossem atractivos para a colonização romana.

Desconhecemos se terão havido conflitos com as elites indígenas locais, porque neste momento o que a arqueologia testemunha, é a densa ocupação humana na região ao longo da romanização, desde o Alto Império, até à Antiguidade Tardia, onde aparentemente as unidades agrícolas foram erguidas sobre territórios aparentemente ermos...!

Como já tivemos ocasião de verificar, a região do Torrão ter-se-á inserido no território da *Civitas de Salacia*, localizando-se esta estrategicamente entre *Salacia*, *Pax Iulia* e *Ebora*<sup>91</sup>; e posteriormente poderá ter transitado para a *civitas de Mirietanorum*.(Alvito!)

A bacia hidrográfica do rio Sado, a que devemos juntar o Baixo Xarrama a jusante do Torrão, permitia escoar com facilidade, a baixo custo e em quantidade, os excedentes aqui produzidos. A rede viária e a construção de uma ponte junto ao Torrão, terão transformado este núcleo populacional num eixo viário que se irá consolidar nos séculos seguintes.

Esta povoação marca um limite que não podemos escamotear:

*- Localiza-se estrategicamente num limite geológico, que coincide com o término navegável do rio Xarrama, em contexto Romano e Medieval. Para montante, o vale apresenta-se cavado e pedregoso, até ao limite com os concelhos de Viana e Alvito, sendo quase impossível prosseguir a pé, junto às margens, porque o caminho é sinuoso, escorregadio e perigoso.*

Em contexto romano ou medieval, este território continuava propício a emboscadas.

Mesmo neste início de século XXI, em que a natureza parece recuar para oásis inacessíveis; as encostas do Xarrama continuam agrestes, secas e pedregosas.

---

<sup>91</sup> Três cidades, sedes de civitas, centros consumidores por excelência. Beja era igualmente sede administrativa de *Conventus*.

Em contexto romano o panorama seria mais vincado, tendo em conta a baixíssima densidade populacional proposta para a altura. Poderíamos imaginar estarmos perante uma garganta apertada de um rio, que tenta galgar ingloriamente penhascos, onde impera o silêncio, a floresta e a vida selvagem.<sup>92</sup>

Para jusante do Xarrama, o vale abre-se e predominam os terrenos argilosos e arenosos. As colinas predominam e algumas searas e os montados, desenvolvem-se até à linha do horizonte.

Aqui e ali, pastariam manadas de gado.

O espaço rural, grande parte dele seria propriedade do "*Estado Romand*", por direito de conquista ou pacto, tendo posteriormente sido objecto de partilha, para autóctones e colonos romanizados.

### 3. O papel da Via Romana, no Torrão

A existência de uma via e de uma ponte romana é o resultado da necessidade da acção humana de caminhar.

A prática continuada ao longo dos séculos, permitirá a fossilização na paisagem de caminhos e o seu registo na toponímia, criando "*hábitos*" de circulação que contribuem para moldar a paisagem envolvente.



Travessia de uma ribeira junto ao Torrão.

Se por um lado, é aceite a existência de um caminho romano que passava pelo Torrão, cuja existência é testemunhada por um troço de calçada, denominada

<sup>92</sup> Nessa altura, para além do veado, teríamos que contar com outros animais, nomeadamente, ursos e lincos. O território não convidava a longas viagens.

calçadina, mais complexo é tentar definir o seu percurso, neste território, tendo em conta a sua geografia e a base geológica.

Nesta região para jusante do Torrão, predominam os terrenos arenosos e argilosos, onde os afloramentos rochosos emergem com dificuldade.

Contudo, é na área envolvente do Torrão e para montante do rio Xarrama, que predominam os afloramentos rochosos.



Face aos recursos disponíveis para construir uma estrada, numa região onde predominam os terrenos argilosos e arenosos, estamos em crer que grande parte da “Estrada Romana”, terá sido construída num “leito” de terra batida e areia.

O grande concorrente desta via, em termos de custos por carga transportada, continuava a ser a navegação fluvial ao longo do Sado e do Baixo Xarrama, num raio de acção, que terá atingido a actual vila do Torrão.

A existência de um marco miliário identificado na villa romana do Porto da Lama<sup>93</sup>, próximo de Alcácer é claro neste ponto. Na área envolvente não existe nenhuma calçada romana, predominando unicamente caminhos de terra batida e areia.

Este facto não impediu o Município de Salacia, provavelmente o “Dono da Obra”, ter dedicado a conclusão da mesma, aos imperadores que exerciam o poder na época<sup>94</sup>.

José de Encarnação, sugere que o miliário pertenceria à via “Salacia – Ebora”.

Não pondo de parte esta hipótese, estamos contudo convictos de que este miliário faria parte da via Salacia ad Pax Iulia, via Torrão.

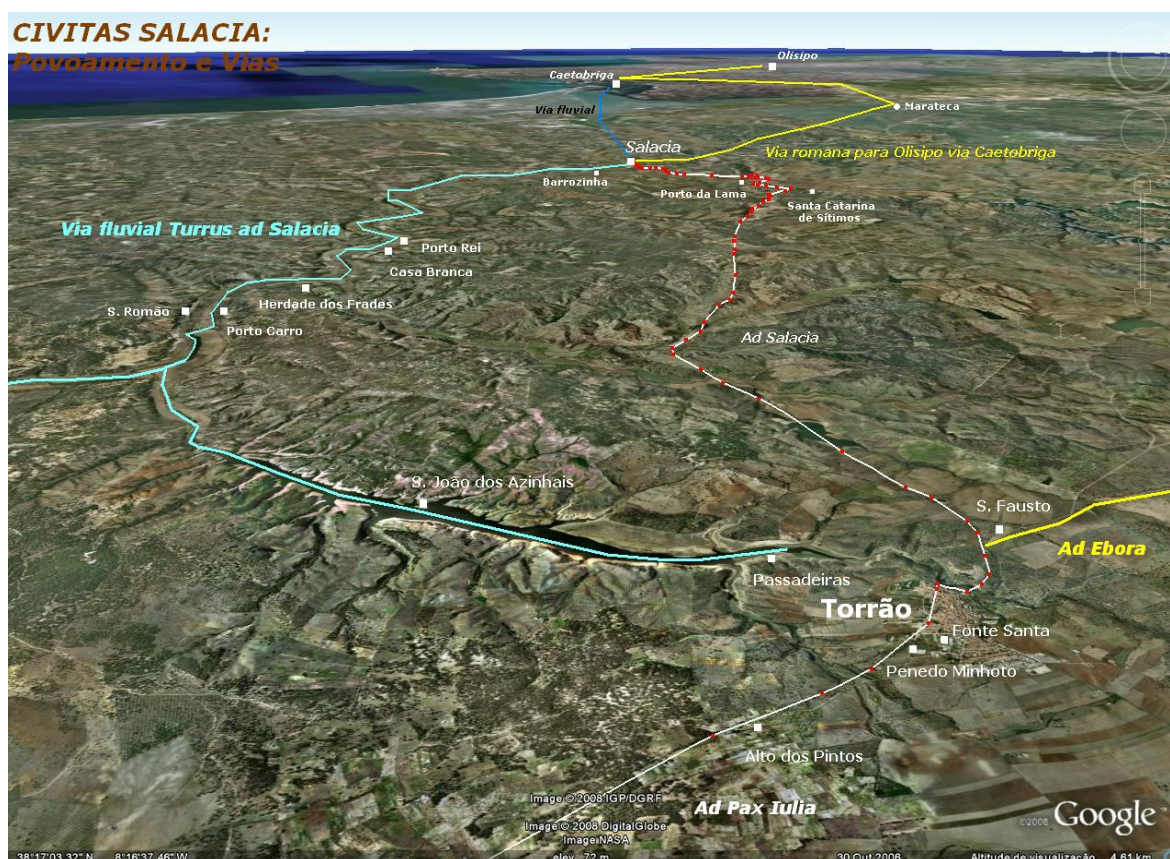
<sup>93</sup> Faria, João Carlos e Ferreira, Marisol Aires, 1986, **Porto da Lama...**, p. 75.

<sup>94</sup> Segundo leitura efectuada por Encarnação, (1984 p. 729-730) e citado no artigo sobre o Porto da Lama (p. 75, nota 2) “ – Trata-se de um miliário, em mármore, cortado ao meio no sentido vertical, com a superfície epigrafada muito erodida. Dedicada aos dois imperadores Augustos, Diocleciano e Maximiano, associados a Constâncio Cloro e Galérico, Césares a partir de 293d.C. Datável de 293-305 d. C. Pertencia à via Olisipo/Ebora, por Salácia.”

Não é nosso objectivo analisar alguma da cartografia de vias romanas publicadas até ao momento<sup>95</sup>.

Queremos unicamente chamar a atenção para um dado que teremos que valorizar a partir desde este momento e que tem passado despercebido:

*- Apesar dos investigadores consultados não referirem explicitamente a vila do Torrão como eixo viário, a análise cartográfica das suas propostas, indicam claramente a existência/ou a necessidade de um nó de comunicação entre as principais vias romanas, que em termos de leitura cartográficos, apontam claramente para esta área.*



O conhecimento que temos deste território da Bacia do Sado, permite-nos propor uma outra leitura, em relação a este sistema viário.

Antes de apresentar a nova proposta, que não se afasta muito das duas anteriores, convém termos presente a seguinte questão:

*- Para que serviria a via Olisipo-Pax Iulia e Olisipo-Evora, via Salacia, tendo em conta a óptima rede fluvial existente no Médio e Baixo Sado, mais atractiva para escoamento de excedentes e importação de bens!*

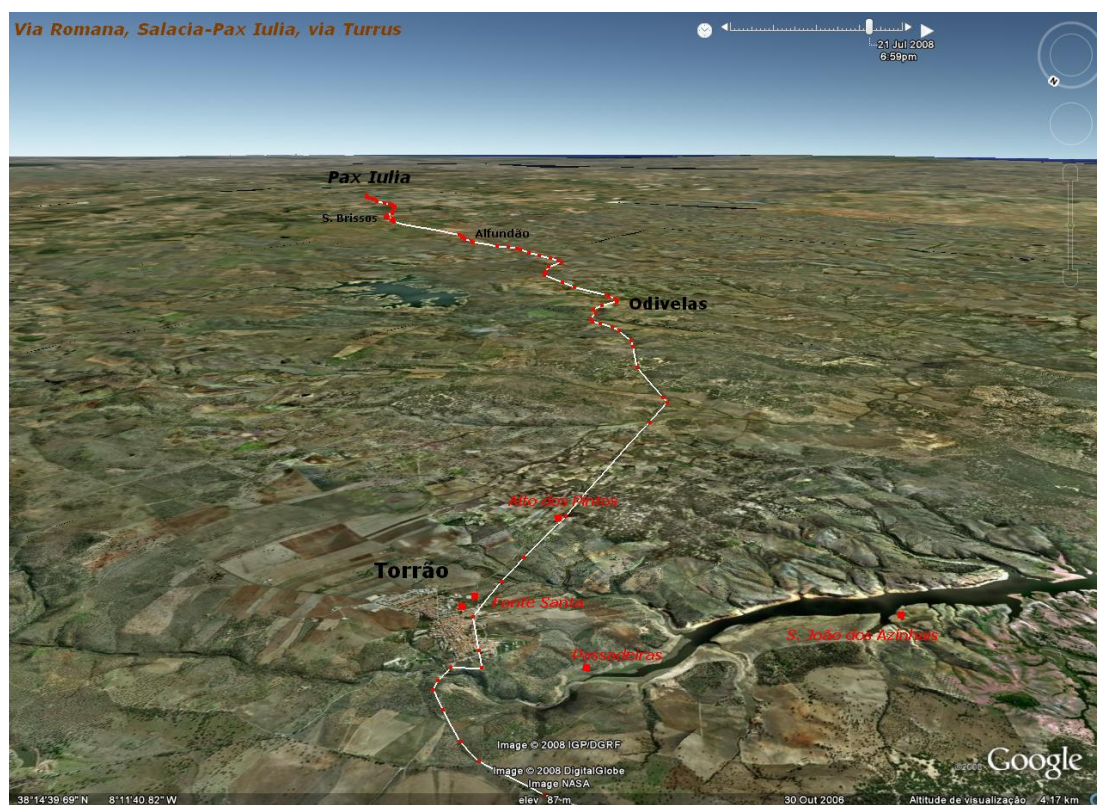
Podemos responder a esta questão de um modo simples:

*- Não deixar "morrer" a prática de caminhar pelo espaço rural, atravessando florestas e charnecas, mantendo operacional uma rede de caminhos que permitam o acesso a espaços interessantes do ponto de vista económico e melhorar o acesso ao interior do Alentejo.*

<sup>95</sup> Sai dos objectivos deste trabalho

Neste sentido, parece-nos coerente, propomos que a Via Romana entre *Salacia* e o Torrão, se tenha desenvolvido num itinerário mais para o interior, permitindo deste modo algumas mais-valias que importa referir:

- *Evitar a concorrência da rota fluvial, encurtar caminho entre Alcácer e consolidar um importante eixo misto no Torrão, como ponto de interceção da via terrestre com a via fluvial, pelo sistema Sado-Xarrama. Reabilitar novos espaços de floresta e pastoreio, atenuando a marginalização de populações.*



Para o reforço desta nova proposta de itinerário da via romana, chamamos a atenção para alguns elementos, alguns dos quais anteriormente referidos:

1. *Identificação de 1 Marco Miliário no Porto da Lama, de finais do século III d. C.*
2. *A manutenção do Porto da Lama como local de passagem para sul, representado na cartografia Portuguesa, desde os séculos XVII/XVIII*
3. *A existência de uma Torre Tardo Islâmica (Herdade da Torre)<sup>96</sup> entre duas villae romanas (Porto da Lama e Santa Catarina de Sítimos) e localizada aparentemente no local de confluência da Via Romana.*
4. *Segundo as crónicas portuguesas, o exército muçulmano de socorro a Alcácer em 1217, veio por via terrestre até à actual aldeia de Santa Catarina de Sítimos. Com base nos dados atrás expostos, estamos a crer que o itinerário seguido, terá coincidido com a "memória" da via romana pelo Torrão.*
5. *Por fim e em jeito de conclusão, a análise de fotografia por satélite, permitiu identificar troços importantes de uma via terrestre, que se desenvolve entre o Torrão e*

<sup>96</sup> Consultar o nosso estudo sobre a Torre de Santa Catarina de Sítimos. Adenda on-Line da revista Almadan, de 2007.

---

*Alcácer, de cronologia ainda indeterminada. Como hipótese de trabalho, presumimos que sejam de origem romana.*

#### 4. O Torrão na Antiguidade Tardia.

A Antiguidade Tardia persiste em continuar a ser uma das Fases “*Obscuras*” da nossa História Local.

Apesar de alguns autores aceitarem um abandono de *Salacia* nesta Fase, especialmente em contexto Visigótico, os dados mais recentes, apontam para uma manutenção do seu tecido urbano, em moldes ainda pouco claros, mas cujo testemunhos nos parecem eloquentes, para compreendermos por que razão terá o povoado localizado no Torrão ter sobrevivido até à conquista islâmica.



Ermida arruinada de São João dos Azinhais

Quando o cristianismo começa no decurso da Antiguidade Tardia a substituir o Império na defesa das comunidades; a manutenção ou não de determinados núcleos urbanos, começa a assentar sobre a existência ou não, de hierarquias religiosas em determinados núcleos habitados; na criação de redes de santuários religiosos e em *mansios*/pousadas de apoio a redes viárias; onde o acto de caminhar em busca de “*salvação eterna*”, acompanham algum comércio de âmbito mais regional.

É neste quadro geral, que inserimos a fundação sobre uma villa romana, de uma igreja visigótica, que ao contrário de servir para uma comunidade rural e local, poderá ter sido transformada em santuário de âmbito regional e cuja sacralidade conseguiu chegar até aos nossos dias. Estamos a referir à igreja visigótica de São João dos Azinhais.

Este dado é de vital importância e porquê?

- *Porque, a sua existência, uma igreja cristã, construída por provável iniciativa privada, numa fase visigótica tardia, já em plena crise política, revela a existência de crentes em "busca de salvação", em número suficiente para se dirigirem até ela. Tudo parece indicar para a manutenção de presença humana algures na actual área urbana do Torrão.*

Num mundo "sombrio e fétido", os santuários cristãos podiam transformar-se em fragmentos do paraíso, onde o sobrenatural podia acontecer, ou então "mostrar a sua realidade", perante o fiel!



Lápide com a inscrição da fundação da igreja paleocristã de São João dos Azinhais. Património do Museu Municipal de Alcácer do Sal, depositado pelo município alcacerense na Igreja da Misericórdia do Torrão, nos anos 80 do século passado, dado que não existia nessa altura um pólo do museológico na vila<sup>97</sup>.

Segundo a mentalidade da época, a existência de "reliquias", designadas por *pignora*, segundo as palavras de Peter Brown (sic):

- *"Eram garantias da proximidade de pessoas afectuosas e eficazes que agora viviam no exuberante e aromático Paraíso de Deus. Traziam a este mundo não só o*

<sup>97</sup> Para que não existam dúvidas sobre esta questão, e dado que o Dr. João Carlos Faria não está entre nós, importa transcrever o que José Galdes Freire escreveu em 1989, no seu estudo sobre a Inscrição Visigótica de São João dos Azinhais/ Torrão, (sic, p. 204), "*Quando, após o 25 de Abril de 1974, se notou a sua falta, a vereadora da Câmara de Alcácer do Sal, representante do Torrão, D. Gertrudes da Conceição Parreira, deu ordem ao fiscal da Câmara, Sr. Vítor Pereira da Silva, para recolher o mais importante do que restava junto à porta principal, no interior da igreja da Misericórdia, à esquerda de quem entra.*", que "*No que se refere à arqueologia, ali estão guardados objectos vários que esperam oportunidade para serem devidamente expostos num museu local*" (no Torrão).

*toque de uma mão humana, mas o toque de um lugar; era possível que através dos santos, o próprio Paraíso fluísse para o mundo. A própria Natureza era redimida”.*<sup>98</sup>

É a ocorrência de milagres, ligados a Santos e a necessidade deles em tempos difíceis, que justificam a existência destas ermidas, cuja devoção ou “*memória delá*”, chegou até nós.

Na realidade, o culto dos Mártires e a sua materialização e fixação para “*memória futura*” em livros litúrgicos, começaram a estar sujeitas a regras bem definidas.



Podemos referir a título de exemplo o que aconteceu no decurso do século VII<sup>99</sup>:

- Segundo Isabel Velázquez<sup>100</sup>, foi estabelecida nesta altura uma proibição, de modo a evitar a composição de hinos novos e cânticos litúrgicos, numa prática até então corrente nas igrejas (IV Concílio de Toledo, a. 633, Canon 2).

Na foto lateral - Pé de Altar de cronologia Visigótica, proveniente da igreja paleocristã de São João dos Azinhais.

Esta norma procurava evitar a proliferação de novas versões sobre a vida dos santos, contudo uma proposta contrária é sugerida por Díaz e Díaz<sup>101</sup>, quando este afirma que esta proibição favoreceu a variação de estes ritos com a inclusão de novas “*Paixões*”, tendentes a substituir as primitivas ou acrescentar outras novas.

Outra questão que nos parece interessante observar, diz respeito “*à necessidade de depositar relíquias*”, como condição mínima para a consagração de novas igrejas.<sup>102</sup>

Continuamos a não ter dados claros sobre a evolução da ocupação romana existente em S. João dos Azinhais, desde o Alto Império até à Antiguidade Tardia e o porquê da sagração de uma igreja a dois mártires hispânicos.

Contudo, face ao exposto, admitimos que a consagração de uma igreja neste local e provável evolução para mosteiro em contexto moçárabe<sup>103</sup>, só tem sentido se aceitarmos à partida, as seguintes condições:

<sup>98</sup> Brown (1999) *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Col. Dirigida por Jacques Le Goff., p. 127.

<sup>99</sup> De referir que a devoção aos mártires Justo e Pastor em S. João dos Azinhais, é do final deste século.

<sup>100</sup> Isabel Velázquez, 2005, *Hagiografia y Culto a los Santos en La Hispânia Visigoda: Aproximación a sus Manifestaciones Literárias*, p. 146.

<sup>101</sup> Ob cit de Isabel Velázquez, 2005, p. 146.

<sup>102</sup> Obra citada, Isabel Velázquez, 2005, p. 146.

<sup>103</sup> Hipótese de Jorge Feio que nos transmitiu oralmente.



1 - A continuação do Torrão em contexto Tardo Romano, como "nó viário e de apoio" à via romana.

2 - A existência de "reliquias", cuja natureza desconhecemos, mas que foram fundamentais para justificar a existência de uma igreja.

3 - Persistência de povoamento após a conquista islâmica, numa região que gradualmente se vai transformar em periférica em relação aos poderes muçulmanos instalados nas medinas militarizadas de Alcácer, Beja e Évora.



Dado que era usual nesta fase, os mártires assumem-se como patronos e protectores das cidades, admitimos e na ausência de mais elementos, que o orago inicial do Torrão, terão sido estes dois mártires hispânicos: - *Justo e Pastor*.

Desde modo, a criação de uma "geografia sagrada" neste local, que é algo que parece ser único nesta região, excluindo para poente a urbe de Alcácer e para nascente a região do Alvito, terá obedecido a estímulos que gradualmente vamos conseguindo compreender.

Esta visibilidade terá o seu preço e quando se dá a conquista muçulmana, é provável que a espiritualidade de Igrejas como S. João dos Azinhais, contribuam de certa medida para evitar o despovoamento do Baixo Xarrama após o século VIII, como parece ter acontecido noutros locais.



A vila do Torrão (na linha do horizonte), visível desde o átrio de entrada da ermida de São João dos Azinhais